

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PRISCILA BRANDÃO CASADO

ENTRE AS PAREDES DA SALA, ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA:
CONCEPÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES ACERCA DA EVASÃO DA
SALA DE AULA.



São Cristóvão/ SE

2010

PRISCILA BRANDÃO CASADO

ENTRE AS PAREDES DA SALA, ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA:
CONCEPÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES ACERCA DA EVASÃO DA
SALA DE AULA.

Monografia apresentada à Universidade
Federal de Sergipe como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Profº. Drº. Paulo Heimar Souto

São Cristóvão/ SE

2010

PRISCILA BRANDÃO CASADO

ENTRE AS PAREDES DA SALA, ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA:
CONCEPÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES ACERCA DA EVASÃO DA
SALA DE AULA.

Monografia apresentada à Universidade
Federal de Sergipe como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (UFS)

Prof^o. Dr.^o Florisvaldo Silva Rocha (UFS)

Prof^o. Dr.^o. Paulo Heimar Souto (UFS)

Monografia aprovada em: ____/____/____

Aos alunos e alunas da escola pesquisada por terem sido o meu maior estímulo para a
construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me acompanharam e auxiliaram nesta importante etapa de minha vida. Agradeço, em especial:

Ao meu orientador Profº. Drº. Paulo Heimar Souto, pela orientação cuidadosa e carinhosa que me ensinou passo a passo como ser uma pesquisadora e me apresentou uma forma diferente de compreender a educação.

Aos meus pais Francisco Carlos e Maria das Graças, à minha irmã Elaine e ao meu namorado Rafael pelo apoio, paciência e, principalmente por compreenderem à minha ausência em alguns momentos para poder me dedicar à construção deste trabalho.

À escola, às professoras e, principalmente, aos alunos sem os quais este trabalho não existiria. Obrigada por aceitarem fazer parte deste estudo.

Às minhas amigas que estiveram sempre presentes dando valiosos conselhos, dividindo angústias e compartilhando as incertezas e inseguranças tão comuns neste momento.

Obrigada a todos!

"Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se cria, em que se fala, em que se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim a vida"

Paulo Freire.

RESUMO

Esta pesquisa se volta para as experiências e vivências dos indivíduos que participam e constroem o cotidiano escolar. Visa identificar e compreender as razões pelas quais alunos de uma escola da rede pública estadual da cidade de Aracaju, Sergipe, ausentam-se frequentemente da sala de aula, mas permanecem no espaço escolar. A ideia para o desenvolvimento dessa pesquisa surgiu a partir de observações diárias do cotidiano desses alunos durante o horário de aula. As observações só foram possíveis devido ao trabalho que exerceo nessa instituição, fato que possibilitou uma maior aproximação com os estudantes e com suas rotinas. Nesta pesquisa, os olhares se voltam para os próprios sujeitos e algumas de suas percepções e experiências de vida, tanto no ambiente familiar quanto na escola. Para isso, a pesquisa valeu-se da história oral como instrumento metodológico tendo em vista que a mesma se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, obtidos através de conversas e relatos orais que se constituem em significativos recursos para a elaboração de uma narrativa histórica. A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano de 2010 com 08 alunos de 6º ao 9º ano do ensino fundamental do turno matutino, atendendo ao critério de serem discentes com elevados índices de ausência à sala de aula e de registros de constantes advertências formais e não formais aplicadas pelo Comitê Pedagógico da instituição escolar. Apesar de o centro de interesse se fixar nas concepções dos discentes, levou-se também em consideração os relatos de professores e membros do Comitê Pedagógico, bem como análises de documentos como Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico da unidade de ensino. Em suas narrativas, os alunos apontam como uma das principais razões para a ausência às aulas o fato de considerarem a metodologia utilizada pela maioria dos docentes “chata”, repetitiva e pouco motivadora. Além disso, a trajetória de vida, a desestruturação familiar e a influência dos amigos também contribuem para esse comportamento. Os resultados e análises da pesquisa sinalizam a necessidade de um maior estreitamento na relação família/escola, bem como a necessidade de serem repensadas práticas docentes, a fim de que seja possibilitada a efetivação dos papéis da instituição escolar.

Palavras- chave: Cotidiano Escolar; História Oral; Sala de aula.

ABSTRACT

This research turns to the lived experiences of individuals who participate and build the school routine. It seeks to identify and understand the reasons why students at a public school in the state of the city of Aracaju, Sergipe, is often absent from the classroom but remain in school. The idea to develop this research came from observations of the daily routine of these students during class time. The observations were possible only because of the work that I practice in this institution, which allowed a closer relationship with students and with their routines. In this research, the eyes are on the subjects themselves and some of his perceptions and life experiences, both in family and in school. For that reason, they drew on the oral history as a methodological tool in order that it engages in learning and increase knowledge of certain reality, obtained through conversations and oral histories that constitute significant resources to developing a narrative history. The survey was conducted in the second half of 2010 with 08 students from 6th to 9th grade of elementary school during the mornings, given the criterion of being students with high rates of absence from the classroom and records contained in formal warnings and not applied for formal academic committee of the school. Although the focus of interest is set in the conceptions of students, also took into account the reports of teachers and members of the academic committee as well as reviews of documents such as School Rules Educational Policy Project and the teaching unit. In their narratives, students point out as one of the main reasons for missing classes the fact considers the methodology used by most teachers "boring," repetitive and not very motivating. Moreover, the trajectory of life, family disintegration and peer influence also contribute to this behavior. The results and analysis of the survey indicate the need for a further narrowing in the family / school as well as the need to rethink teaching practices, so that is made possible the realization of the roles of the school.

Keywords: Everyday School, Oral History; classroom.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 01 – Alunos jogando bola na quadra durante o horário de aula na sala.....	30
FOTOGRAFIA 02 – Alunos pelos corredores da escola durante o horário da aula.....	38
FOTOGRAFIA 03 – Aula de Educação Física na Quadra – Momento de interação entre os alunos.....	41
FOTOGRAFIA 04 – Alunos no refeitório durante o horário da aula.....	45
FOTOGRAFIA 05 – Carteiras vazias em pleno horário de aula.....	52
FOTOGRAFIA 06 – Yoga na aula de Educação Física – trabalhando corpo e mente.....	59
FOTOGRAFIA 07- Café da manhã em sala de aula - culminância do Projeto de Educação Física sobre Alimentação Saudável.....	60

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Distribuição de alunos por turno, nível e série de ensino.....	17
QUADRO 02 - Corpo técnico-administrativo da escola.....	18
QUADRO 03 - Distribuição e condições de utilização dos espaços físicos da escola.....	19
QUADRO 04 - Quadro de equivalência idade/série para o ensino o ensino fundamental e médio/ Comparativo com as idades dos alunos entrevistados.....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PARA COMEÇO DE HISTÓRIA.....	12
a) Caracterizando a pesquisa.....	14
b) Conhecendo a escola pesquisada	17
c) As produções teóricas sobre o cotidiano	19
d) Escola: Qual o seu papel?	20

CAPÍTULO I

VOZES DISCENTES ACERCA DO COTIDIANO ESCOLAR: UM OLHAR PARA O

PASSADO QUE SE FAZ PRESENTE.....	23
1.1 Breve panorama dos discentes entrevistados.....	23
1.2 Carlos: “Lá todo mundo pega no pé”.....	27
1.3 Lara: “Odeio a professora nova!... Porque ela é chata”.....	32
1.4 Gustavo: “Gazeava muito as aulas”.....	36
1.5 Luís: “Eu queria ser jogador de futebol, mas não tem como né?”.....	39
1.6 Thaís: “Acho que deve ser por causa das aulas mesmo, porque às vezes sou eu mesma quem chamo as meninas pra sair...”.....	42

CAPÍTULO II

A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE A SALA DE AULA, OS ALUNOS E AS

FAMÍLIAS.....	48
2.1 Cristina: a professora de Geografia.....	49
2.2 Lúcia: a professora de Língua Portuguesa.....	54
2.3 Carla: A professora de Educação Física.....	57
2.4 O Comitê Pedagógico.....	62
2.4.1 Sob o olhar das orientadoras.....	63

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
---------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
---------------------------------	----

ANEXOS.....	72
-------------	----

ANEXO A – Roteiro de entrevista para os alunos.....	73
---	----

ANEXO B– Questionário aplicado às professoras das disciplinas que os alunos menos gostam.....	75
ANEXO C – Questionário aplicado às professoras das disciplinas que os alunos mais gostam.....	77
ANEXO D - Questionário aplicado ao Comitê Pedagógico.....	79
ANEXO E – Transcrição das entrevistas aos alunos.....	81

INTRODUÇÃO

PARA COMEÇO DE HISTÓRIA...

Este trabalho busca respostas para alguns de meus questionamentos acerca do cotidiano escolar a partir das narrativas dos alunos sobre suas histórias de vida. Por essa razão, a pesquisa visa compreender e identificar os fatores pelas quais alunos de uma escola da rede pública estadual da cidade de Aracaju/ Sergipe ausentam-se frequentemente da sala de aula, mas permanecem dentro do espaço escolar.

O estudo tem como objetivos específicos, conhecer as trajetórias de vida pessoal e escolar desses estudantes; enunciar, na percepção dos estudantes, professores e equipe pedagógica, as razões que levam esses alunos a ausentarem-se da sala de aula; descrever as ações dos alunos “ausentes” da sala de aula.

Impulsionada por essas ideias, julguei importante iniciar essa trajetória de estudo a partir de minhas próprias memórias – sobre a minha história e o meu cotidiano nesta escola.

Filha de mãe dona de casa e pai proprietário de uma pequena loja de informática, cresci ouvindo-lhes falar sobre a importância de uma boa educação como único meio correto pelo qual poderíamos alcançar nossos almejados objetivos. Sempre fui bastante estimulada a estudar e apesar de precisar, raríssimas vezes, do auxílio de meus pais para fazer os deveres de casa, eles sempre estavam dispostos a suprir qualquer necessidade. Casados há 25 anos, sempre se preocuparam em nos mostrar – a mim e à minha irmã mais nova- os caminhos para nos tornar pessoas dignas e de valores éticos e morais bastante sólidos.

Toda a minha trajetória escolar desenvolveu-se em escola particular. No entanto, independente da situação financeira na qual me encontrava, sempre tive objetivos bem definidos para a minha vida e consegui batalhar, através da minha dedicação aos estudos, para que estes pudessem ser concretizados. Muitos de meus colegas, no entanto, faziam o contrário, acomodavam-se nos estudos confiando na situação financeiramente confortável que tinham em casa.

Sempre fui uma aluna de bom comportamento. Raras eram as vezes em que saía da sala para não assistir aula, mesmo por que, era quase impossível fazê-lo com tantos funcionários nos fiscalizando. Nunca sofri nenhuma reprovação, mas sempre tive minhas preferências por algumas disciplinas (Português, História, Artes e Inglês) em detrimento de outras que não me agradavam muito (principalmente Matemática e Física). No entanto, essas preferências mudaram ao longo dos anos, o que me fez perceber a grande importância do

modo como o professor ministrava as aulas para que os alunos se sentissem motivados a estudar.

Detestava quando os professores de Química e Biologia passavam o horário inteiro enchendo o quadro de informações que nós não sabíamos para que iria nos servir futuramente. No entanto, a mesma matéria quando ministrada por outro professor no ano seguinte nos proporcionou momentos de interação, discussão e uma maior facilidade de compreensão pelo fato de se utilizar de situações práticas (vivenciadas nos laboratórios da escola) para nos explicar a teoria.

Em razão dos meus estudos, há dois anos passei no concurso da Secretaria Estadual da Educação (SEED) e hoje trabalho como oficial administrativo na secretaria de uma escola da rede pública estadual de Sergipe. Apesar de desenvolver um trabalho que não possui nenhum envolvimento pedagógico propriamente dito - tendo em vista que lidamos sempre com documentos, diários de professores e fichas de alunos, dentre outras diversas funções que envolvem o trabalho burocrático -, é muito difícil não se envolver, participar e intervir em toda a dinâmica que envolve a vida escolar.

Desde meus primeiros dias de trabalho, busquei saber sobre os acontecimentos da escola. Sempre conseguia um tempo para sair do meu espaço de trabalho – a secretaria - para ver as ações dos alunos fora do ambiente da sala de aula, porque estavam fora de sala, namorando, brigando ou qualquer outra coisa que não fosse estudando. Acredito que em razão de ter uma idade não muito distante da maioria dos discentes adquiri uma maior aproximação com eles.

Todos esses fatores me levaram a perceber que um número significativo de alunos vão à escola e ausentam-se constantemente da sala de aula, no entanto permanecem dentro do espaço escolar. Comecei a notar que, frequentemente, durante os horários das aulas, enquanto os corredores começavam a ficar cheios de alunos, as salas de aula se encontravam cada dia mais vazias, fato que me instigava bastante. Todos esses fatores me levaram ao seguinte questionamento, que resultou no ponto norteador da minha pesquisa: O que acontece no espaço da sala de aula que leva o aluno a ausentar-se dela?

a) Caracterizando a pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre do ano de 2010, em uma escola¹ da rede pública estadual da capital sergipana localizada em um dos bairros nobres da cidade. Diferentes estabelecimentos comerciais estão presentes nas proximidades do bairro como academias, farmácias, bares, restaurantes, hospitais, escolas particulares, dentre outros. Além disso, dispõe de uma boa infra-estrutura - o que inclui asfalto, água, esgoto, iluminação, transporte coletivo.

Foram escolhidos e entrevistados oito alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, do turno matutino, atendendo ao critério de serem discentes com elevados índices de ausência à sala de aula e de registros de constantes advertências formais e não formais aplicadas pelo Comitê Pedagógico² da instituição escolar. No entanto, destes oito alunos apenas cinco fazem parte desse trabalho, devido às poucas informações obtidas nos relatos dos outros discentes.

A partir de suas narrativas foi possível conhecer diferentes concepções, tendo em vista as diferenças de idade, sexo e experiência escolar vivida por cada um dos sujeitos pesquisados. A entrevista foi realizada com alunos de ambos os sexos com faixa etária variando entre 11 e 16 anos. Destes, apenas três moram em bairros distantes da escola (Santa Maria, Atalaia e Conjunto Marcos Freire – situado na cidade de Nossa Senhora do Socorro) e, por isso, necessitam acordar mais cedo já que se utilizam do transporte público para se locomoverem até a escola. Os demais residem em bairros circunvizinhos à instituição.

Para que pudessemos chegar às respostas às nossas inquietações, fez-se de suma importância a utilização da história oral como procedimento metodológico, visto que se constitui em “[...] uma das possibilidades para o estudo do meio, resgatando informações sobre práticas docentes, vidas de professores/alunos, cotidiano escolar, vida que deixa registro somente na memória [...]”. (ANDRADE e STAMATTO, 2009, p.118). Sobre a concepção de memória Fazenda (1995, p. 137) a define como:

¹ Neste estudo, não identificaremos o nome da escola em virtude das funções que exerço nesta instituição de ensino.

² De acordo com o Art. 26 do Regimento Escolar 2009 dessa Instituição de Ensino, O Comitê Pedagógico é um colegiado Técnico-Profissional, cuja atuação está voltada para a defesa dos interesses dos educadores, pais e educandos, inspirada nas finalidades e objetivos da educação pública do Estado de Sergipe.

[...] algo vivido ou experienciado no passado e que retoma, como lembrança, no presente. Esta idéia é complementada com a suposição corrente de que as lembranças do passado permanecem inalteradas em algum lugar de nossa consciência e que, quando solicitadas, retornam com fidelidade e elucidam-nos sobre fatos e situações anteriormente acontecidos.

Além disso, a intenção da pesquisa em se utilizar das técnicas da história oral está na capacidade desta de “[...] dar vozes àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos”. (FERREIRA, 2000, p. 33).

A História Oral, como metodologia de pesquisa, se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, obtidos através de conversas com pessoas e relatos orais. Para Meihy (2007, p. 72), “A história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos [...]”, centralizando os discursos como ponto fundamental das análises. É aí que se destaca uma característica bastante peculiar das fontes orais, ou seja, a riqueza de informações obtidas. Através da conversa entre narrador e pesquisador podem ser apreendidos sentimentos, emoções, significados que são transmitidos pelos gestos, entonação, volume da voz do narrador, etc., conforme Ferreira (2000, p. 33) explica

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o “indescritível”, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas “muito insignificantes” – é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto às estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis.

A pesquisa desenvolveu-se em três etapas: 1ª- entrevistas aos alunos; 2ª- aplicação de questionários aos professores; e 3ª- aplicação de questionários ao Comitê Pedagógico. No 1º momento, foram privilegiadas as entrevistas aos alunos, a fim de que pudessem ser ouvidos seus relatos sobre suas trajetórias de vida e escolar. Para isso, fez-se necessário a elaboração de um roteiro de entrevista que contemplasse diversos aspectos da vida dos discentes tais como perfil do aluno e caracterização de sua família, trajetória escolar e de vida, aspectos do cotidiano escolar, expectativas com relação à escola e interação com a comunidade escolar, bem como com a própria família.

Tendo em vista que consideramos tais informações de extrema importância para a compreensão das relações existentes entre suas experiências de vida e a forma como se

relacionam no ambiente escolar, optamos pelo desenvolvimento da pesquisa a partir de uma abordagem qualitativa. Entendemos que, através desta abordagem, podem ser produzidos dados descritivos que permitirão ver o mundo de acordo com a visão dos sujeitos estudados. Além disso, segundo Silva³ (1996), por meio da pesquisa qualitativa podemos conhecer melhor os indivíduos e compreender como ocorre a evolução das definições de mundo destes sujeitos fazendo uso de dados descritivos provenientes de registros e anotações pessoais, de falas das pessoas e de comportamentos observados.

Desta forma, pudemos produzir uma análise muito mais significativa buscando interpretações, situando os fatos num contexto histórico onde percebemos o indivíduo não como objeto, mas como sujeito da história.

Aproveitamos os horários em que os discentes estavam fora das salas de aula para a realização das entrevistas. Todos os diálogos foram registrados com o auxílio de um gravador, instrumento primordial do trabalho. Considerando que sua utilização possibilita o enriquecimento dos dados da entrevista, pois permite captar sentimentos e emoções que seriam ocultadas se fosse simplesmente passadas para o papel. Após as gravações, os relatos foram transcritos integralmente considerando as intervenções ocorridas durante as narrativas, o que possibilitou transformar as falas em documentos escritos, sempre respeitando as variações e os vícios de linguagem de cada entrevistado.

No segundo momento da pesquisa foram aplicados questionários. No entanto, nosso objetivo inicial era realizar entrevistas com alguns docentes da instituição, a fim de que fossem ouvidos seus relatos sobre suas experiências profissionais, bem como suas concepções acerca dos motivos que levam à ausência dos alunos à sala de aula. No entanto, em virtude da exiguidade do tempo para conclusão dessa pesquisa e da justificativa de indisponibilidade da maioria dos professores para a realização das entrevistas, optamos por utilizar questionários contemplando questões sobre o olhar dos docentes a respeito da escola, dos alunos e de suas famílias.

A escolha dos professores que responderiam ao questionário ocorreu conforme os discursos dos alunos. Buscamos as respostas com os professores que lecionavam as disciplinas apontadas pelos alunos como as que mais e menos gostavam. Estas últimas, coincidentemente, foram apontadas como responsáveis pelos maiores índices de reprovação. Foram elas: Educação Física e Português – as que mais gostavam e Geografia, História e

³ SILVA, Sheila A P. S. **A pesquisa qualitativa em educação física**. 1996. Disponível em: <<http://www.efmuzambinho.org.br/refelnet/revusp/edicoes/1996/usp10n1/8sheil.htm>> Acesso em : 02/12/2010

Matemática - as que menos gostavam. Apesar de em suas narrativas, os alunos elencarem as cinco disciplinas, apenas três questionários foram respondidos, haja vista a recusa das professoras de Matemática e História em respondê-lo, sob a argumentação da primeira em não querer apontar “culpados” para os problemas da escola e, da segunda, pela falta de tempo para responder ao questionário.

O terceiro momento também privilegiou a utilização de questionários, porém direcionados a membros atuantes no Comitê Pedagógico da instituição, responsáveis por acompanhar as turmas do ensino fundamental. Embora três pedagogas dividam as responsabilidades por essas turmas, no momento da realização da pesquisa uma se encontrava em período de licença prêmio o que nos levou a aplicar o questionário a apenas dois membros do Comitê.

b) Conhecendo a escola pesquisada

Com base nos dados fornecidos pela secretaria escolar da unidade de ensino, a instituição foi criada no governo de João Alves Filho em 27/01/1987 pelo Decreto nº. 8.283. Oferece o ensino básico nos níveis fundamental (6º ano à 8ª série) e médio (1º ao 3º ano) durante o período da manhã e da noite, funcionando nos horários de 07:00h às 12:20h, no turno da manhã e de 19:00h às 22:50h no turno da noite, conforme dados do quadro a seguir:

TURNO	NÍVEL DE ENSINO	SÉRIES	QUANTIDADE	TOTAL DE ALUNOS
MANHÃ	Fundamental	6º Ano	2	64
		6ª Série	3	96
		7ª Série	2	80
		8ª Série	2	76
	TOTAL	-----	9	316
	Médio	1º Ano	5	164
		2º Ano	2	77
		3º Ano	2	51
	TOTAL	----	9	292
NOITE	Médio	1º Ano	1	43
		2º Ano	1	38
		3º Ano	1	52
	TOTAL	----	3	133
	TOTAL DE ALUNOS	----	----	741

Quadro 01: Distribuição de alunos por turno, nível e série de ensino.

Fonte: Secretaria da escola (2010).

A equipe diretiva é formada por uma direção, pela coordenadoria pedagógica e uma secretaria. Atuando conjuntamente com esta equipe está o Comitê Pedagógico composto por 11 orientadores pedagógicos, todos com formação em Pedagogia.

Cerca de 40 professores, distribuídos nos dois turnos, pertencem ao quadro de docentes da instituição, todos com formação em nível superior e alguns com especialização e mestrado. Com relação ao quadro administrativo, a escola dispõe de funcionários distribuídos nos três turnos nos cargos de vigilante, executor de serviços básicos, merendeiras e oficiais administrativos.

FUNÇÃO	EFETIVOS	CONTRATADOS
Diretor	01	
Professor	40	04
Coordenadores Pedagógicos	02	
Equipe Técnica	11	
Pessoal administrativo	11	
Pessoal de apoio	07	
Merendeiras	04	
Vigilantes	05	
Porteira	01	
TOTAL	82	04

Quadro 02: Corpo técnico-administrativo da escola.

Fonte: Secretaria da escola (2010).

A escola dispõe ainda de uma excelente estrutura física, tendo passado recentemente por obras de reparo. Possui sala de vídeo, laboratório de informática, sala de dança e sala do grêmio estudantil, além de biblioteca, auditório, quadra poliesportiva, refeitório, dentre outros espaços, como vemos no quadro a seguir:

ESPAÇOS FÍSICOS	Quantidade	Condições de utilização	
		Adequada	Inadequada
Secretaria	01	01	-
Sala de professores	01	01	-
Sala de coordenação pedagógica	01	01	-
Sala de orientação educacional	01	01	-
Biblioteca	01	01	-
Sala de TV e vídeo	01	01	-
Lab. de informática	01	01	-
Sala de dança	01	01	-
Sala de ciências / laboratório	01	-	01
Auditório	01	01	-
Sala de aula	19	19	-
Dispensa	01	01	-
Refeitório	01	01	-
Quadra de esportes descoberta	01	-	01
Quadra de esportes coberta	01	01	-
Cozinha	01	01	-
Sanitário dos alunos	06	04	02

Quadro 03 – Distribuição e condições de utilização dos espaços físicos da escola.

Fonte: Secretaria da escola (2010).

c) As produções teóricas sobre o cotidiano

Atualmente, a função da escola deve ir além da mera aprendizagem de conteúdos fragmentados em disciplinas, tendo por papel fundamental mediar o desenvolvimento dos educandos, de forma a torná-los sujeitos críticos e participantes. Por essa razão, a instituição escolar não deve ser apenas um espaço de aprendizagem e transmissão de conteúdos, mas também de socialização, onde as relações sociais construídas possam se tornar importantes facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem, propiciando oportunidades e estímulos diversificados a fim de tornar o aluno construtor de seu próprio conhecimento. Dessa forma, ela se torna o elemento essencial para a preparação do aluno, proporcionando seu desenvolvimento integral a partir da compreensão do meio em que vive.

Nesse sentido, o estudo do cotidiano se coloca como fundamental para que se possa compreender o meio em que estão inseridos. Embora muitos entendam o cotidiano como algo corriqueiro ou rotina, ou seja, o hábito de sempre fazer as coisas da mesma forma, não nos damos conta da diversidade de situações e fatos que ocorrem no dia a dia, e das inúmeras respostas que poderiam ser encontradas se analisássemos o cotidiano de forma mais aprofundada. Sobre este aspecto, Lima (1982, p.43) ressalta ainda que é na vida cotidiana que

se realiza o “movimento de produção e de reprodução das relações sociais onde se dá a produção do ser humano, no curso de seu desenvolvimento histórico”.

Por essa razão, o cotidiano revela a sua importância para compreender as práticas escolares desenvolvidas na escola e como esta instituição desempenha o seu papel socializador, seja na transmissão dos conhecimentos, seja na veiculação das crenças e valores, “[...] nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam o cotidiano escolar”. (FAZENDA, 2006, p. 39). É aí onde se verifica a importância do estudo do cotidiano, como a autora salienta:

A importância do estudo do cotidiano escolar se coloca aí: no dia-a-dia da escola é o momento de concretização de uma série de pressupostos subjacentes à prática pedagógica, ao mesmo tempo que é o momento e o lugar da experiência de socialização que envolve professores e alunos, diretor e professores, diretor e alunos e assim por diante. (FAZENDA., 2006, p.40).

Dessa forma, a análise do cotidiano nos permite “[...] melhor entender as ações dos sujeitos que movimentam a escola e com isso alcançar a natureza dos processos constitutivos da realidade escolar, tendo em vista a sua transformação.” (PENIN, 1995, p.13). Pois, apenas a partir de um conhecimento mais aprofundado da realidade escolar é que poderemos diagnosticar os problemas para propor soluções que garantam a efetivação de um ensino e de uma escola de qualidade.

No entanto, faz-se necessário que esta reflexão seja feita em conjunto. Não basta que alcancemos apenas a compreensão dessa realidade, mas é preciso também que se reflita sobre o papel que deve ser exercido pela instituição escolar.

d) Escola: Qual o seu papel?

Buscaremos aqui discutir sobre a função e os objetivos da escola de hoje. Será que a função da escola nos dias atuais é apenas transmitir conhecimentos de forma descontextualizada? Ou educar integralmente os indivíduos preparando-os para viver em sociedade?

De acordo com o Art. 2º. da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)⁴, é função da escola, em parceria com a família, “garantir o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Para isso, o ensino deve ser ministrado de acordo com alguns princípios definidos no Art. 3º deste documento:

- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- X - valorização da experiência extra-escolar;

No entanto, sabe-se que o ensino nos dias atuais ainda está pautado na compartimentalização do conhecimento, ou seja, a sistematização do saber em disciplinas e conteúdos que são transmitidos através de uma relação hierárquica entre professor e aluno.

Nos dias de hoje, a organização da escola caracteriza-se por um processo de ensino centrado na transmissão/ assimilação que advém de uma concepção educacional que entende o ensino como um processo de distribuição de conhecimento e informações pré-estabelecidas, não levando em consideração os interesses e as necessidades da maioria de nossos alunos.

À luz do exposto, a educação não pode resumir-se a simples transmissão desses conhecimentos fazendo-se necessário que este seja gerado a partir das várias situações que se dão por meio das práticas sociais. Dessa forma, não se trata apenas de selecionar os conteúdos a serem ministrados, mas, sim, de abrir mão do saber sistematizado, para explicar problemas postos no cotidiano. Por esta razão, não apenas o espaço da sala de aula, mas, principalmente, todo o ambiente escolar deve ser um espaço que propicie a inter- relação dos alunos com a comunidade escolar, permitindo a criação de novos conhecimentos.

O processo de ensino deve ser entendido como uma ação conjunta entre professores e alunos, estimulando e dirigindo as atividades em função da aprendizagem dos discentes. Por isso, a sala de aula não deve ser considerada o único local efetivo para a realização do ensino, visto que todas as formas didáticas encontradas pelo professor para proporcionar a aprendizagem de seus alunos é considerada aula, conforme afirma Libâneo (1994, p. 177) ao observar que, “[...] na aula se criam, se desenvolvem e se transformam as condições

⁴ BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (LDB). Lei Federal n.º 9.394, de 26/12/1996.

necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognitivas”.

Por isso, o professor, ao mediar o processo de ensino em função da aprendizagem do aluno, deve utilizar-se de um conjunto de ações, passos e procedimentos, o chamado método de ensino - que deve ser pensado de forma a suscitar nos alunos a busca de soluções criativas, possibilitando-os a desenvolverem o gosto pelos estudos. Por esta razão, não podem ser elaborados de qualquer forma o que exige uma total dedicação do professor com relação à construção de sua aula visto que, segundo Libâneo (1994, p. 151), os métodos de ensino

[...] não se reduzem a quaisquer medidas, procedimentos e técnicas. Eles decorrem de uma concepção de sociedade, da natureza da atividade prática humana no mundo, do processo de conhecimento e, particularmente, da compreensão da prática educativa numa determinada sociedade.

Assim, os métodos de ensino devem considerar não só a realidade da escola, mas também a realidade sócio-cultural em que está inserida.

Para que se possa compreender melhor todos os aspectos salientados nesta parte inicial do trabalho, os próximos capítulos foram organizados de forma a contemplar as falas de diferentes grupos que compõe o espaço escolar.

No primeiro capítulo, intitulado “*Vozes discentes acerca do cotidiano escolar: o olhar para um passado que se faz presente*” traz os relatos dos alunos sobre suas trajetórias de vida e suas percepções sobre o cotidiano escolar.

Já o segundo capítulo, “*A visão dos professores sobre a sala de aula, os alunos e as famílias*” apresenta as concepções de algumas professoras e alguns membros do Comitê Pedagógico acerca da escola, dos alunos, da prática pedagógica e da relação com as famílias dos discentes.

Por último, as *Considerações Finais*, apresentam algumas conclusões e sugestões com o objetivo de contribuir para uma reflexão sobre os problemas, aqui discutidos, enfrentados pela escola pública nos dias atuais.

CAPÍTULO I

VOZES DISCENTES ACERCA DO COTIDIANO ESCOLAR: O OLHAR PARA UM PASSADO QUE SE FAZ PRESENTE

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o “indescritível”, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas muito insignificante ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita.
(FERREIRA, 2000, p. 33)

Este capítulo se volta para um breve recorte sobre as trajetórias escolares e de vida dos discentes entrevistados, bem como suas concepções acerca do ambiente escolar e dos percalços e desafios para a permanência neste espaço.

Através de suas lembranças os alunos puderam recordar fatos e momentos significativos de suas vidas contribuindo, consideravelmente, para uma maior reflexão sobre a relação presente/passado. Dessa forma, os discentes foram capazes de identificar aspectos que consideraram cruciais para o desencadeamento de determinados comportamentos e/ou atitudes que desenvolvem na escola.

A fim de garantir a integridade e a veracidade das informações dadas, foram transcritos de forma integral todos os relatos, respeitando as suas variedades linguísticas. Tendo em vista a idade dos alunos – todos com faixa etária abaixo de 18 anos – optamos, por questões éticas, em não identificá-los, omitindo seus nomes e utilizando em seu lugar pseudônimos escolhidos por eles.

Devido às particularidades de cada aluno entrevistado, o tamanho dos depoimentos apresentou variações. Assim, alguns entrevistados apresentaram relatos mais extensos e detalhados, enquanto que outros, responderam aos nossos questionamentos com respostas mais objetivas, porém não menos importantes para o nosso estudo.

1.1 Breve panorama dos discentes entrevistados

Inicialmente, faz-se necessário tecer algumas considerações em relação ao perfil dos alunos sujeitos desse trabalho.

Quanto à faixa etária e ao gênero dos cinco alunos entrevistados todos apresentam idades entre 11 e 16 anos, sendo 02 do sexo feminino e 03 do sexo masculino.

De acordo com as narrativas dos discentes, no tocante à caracterização sócio-econômica de suas famílias, verificou-se que embora a maioria resida em bairros considerados de classe média⁵ - 03 dos 05 alunos entrevistados -, estas apresentam baixo poder aquisitivo. Este fator é fundamentado nas narrativas pelo tipo de vínculo empregatício dos pais ou responsáveis, bem como, em alguns casos, da manutenção da família por apenas um dos genitores – a mãe. Dentre as profissões apontadas estão a de zelador, executora de serviços básicos, artesã, bombeiro, além de dona de casa, pais desempregados ou aposentados.

Todos os entrevistados relataram possuir 02 ou mais irmãos, sendo estes, na maior parte dos casos, provenientes de outros relacionamentos. Dos 05 alunos entrevistados, apenas 01 aluno exerce trabalho remunerado no período oposto ao horário das aulas.

Mesmo considerando o número reduzido de entrevistados, semelhanças entre os casos foram constatadas, tais como indícios de desestruturação familiar, ocasionada pela separação dos pais ou por motivos como alcoolismo, violência física ou abandono. Por meio das entrevistas, identificamos também que nenhum dos discentes possui o convívio diário com seus pais biológicos vivendo apenas com suas mães e/ou alguns outros parentes como avós, tios, madrinhas e irmãos, além dos padrastos. Apenas uma aluna entrevistada não vive com seu pai e sua mãe biológica, estando, atualmente, sob os cuidados de uma madrinha.

No que diz respeito ao estímulo dado pela família aos estudos, 03 alunos relataram que ele existe, mas de forma pouco efetiva. Ou seja, não há uma participação ativa na vida escolar do aluno nem, tampouco, uma relação mais estreita com a escola. A partir das narrativas, percebemos que o incentivo demonstrado reflete-se apenas nas cobranças de notas e frequência à escola, sem que ocorra um acompanhamento do desenvolvimento escolar desses alunos.

Com relação à trajetória escolar, verificou-se que 02 alunos utilizam-se do ensino público desde que iniciaram suas vidas escolares, enquanto os outros 03, ingressaram na rede há menos de quatro anos. Para estes últimos, os motivos que os levaram a estudar nestas escolas se deram em virtude de reprovações e indisciplina nas escolas particulares, e em um

⁵ Como optamos por não identificar a escola objeto do nosso estudo, também não identificaremos alguns bairros onde moram os alunos, haja vista a localização destes bairros permitir facilmente a identificação da escola.

dos casos, pela falta de condições econômicas da família para manter as mensalidades no ensino privado.

No tocante à justificativa dada pelos alunos para a escolha desta unidade de ensino, foram apontados os seguintes fatores: falta de vaga ou oferta das séries em que estão estudando nas escolas próximas a suas residências; proximidade ao local onde moram e indicação de amigos.

Outro aspecto salientado diz respeito aos índices de reprovação. Três discentes já sofreram reprovações, e destes, dois já reprovaram mais de uma vez. Cabe ressaltar que os alunos reprovados são todos os entrevistados do sexo masculino. Dentre as disciplinas que os levaram à reprovação, Matemática, Geografia e História foram comuns aos três casos. Os alunos também atribuíram suas reprovações a alguns fatores, tais como: falta de interesse para o estudo, bagunça, ausência às aulas e o processo de separação dos pais. Por essa razão, suas idades não estão compatíveis com a série em que estudam, configurando-se em caso de distorção idade/série, conforme orientação do quadro a seguir:

EQUIVALÊNCIA IDADE/SÉRIE			
NÍVEL DE ENSINO	SÉRIE	EQUIVALÊNCIA ADEQUADA	SITUAÇÃO REAL DO ALUNO
ENS. FUNDAMENTAL	6º ANO	A partir de 11 anos	Lara 11 anos
	7º ANO (6ª série)	A partir de 12 anos	Carlos 14 anos
	8º ANO (7ª série)	A partir de 13 anos	Gustavo e Thaís 14 anos
	9º ANO (8ª série)	A partir de 14 anos	Luís 16 anos
ENS. MÉDIO	1º ANO	A partir de 15 anos	-----
	2º ANO	A partir de 16 anos	-----
	3º ANO	A partir de 17 anos	-----

Quadro 04 – Quadro de equivalência idade/série para o ensino o ensino fundamental e médio/Comparativo com as idades dos alunos entrevistados.

Fonte: Secretaria da escola (2010).

Outro fator abordado, diz respeito às disciplinas com as quais mais e menos se identificam. Educação Física e Português foram as disciplinas apontadas pela maior parte dos discentes como as que mais apreciam, enquanto Matemática, Geografia e História foram consideradas as matérias que menos lhe agradam.

Um número significativo de alunos produziu narrativas que nos levaram a identificar que, na maioria dos casos, os motivos para não gostarem dessas disciplinas estão relacionados às metodologias utilizadas pelos professores em sala de aula. Estas práticas foram descritas pelos discentes como “chatas” e pouco motivadoras, tendo em vista a forma como são ministradas cotidianamente, ou seja, através de cópias, explanação do assunto, leituras dos livros didáticos e exercícios que exigem a memorização de conteúdos.

Este foi um dos motivos que levaram os alunos a confirmarem suas ausências à sala de aula. Além das práticas nada atrativas, os alunos consideraram que a influência dos amigos também colabora para sua saída da aula e sua permanência nos ambientes da escola. Os discentes apontaram como suas principais atividades dentro do espaço escolar: conversar com os amigos, paquerar; “perturbar” os outros colegas e passear pela escola.

Por essa razão, solicitamos aos alunos que dessem sugestões para a melhoria da escola em que estudam e todos sinalizaram para a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes e, alguns, também evidenciaram a necessidade de maior controle disciplinar dos alunos por parte dos professores.

No que diz respeito ao tipo de relação que possuem com os docentes, apenas 02 alunos avaliaram-na como boa enquanto os demais a definiram como ruim ou péssima. Com os outros alunos e demais membros da escola, 03 alunos sinalizaram para uma boa relação, enquanto os outros dois afirmaram possuir problemas com a direção em virtude de serem repreendidos constantemente.

Por fim, procuramos saber qual o significado assumido pela escola na vida desses jovens e constatamos que, para todos eles, a escola é entendida como um local de conhecimento, de preparação acadêmica e de ascensão social. No entanto, percebemos nos relatos dos meninos que, embora estejam cientes e acreditem na importância da escola como meio de melhoria de suas vidas, estes não possuem boas expectativas para o futuro e, por isso não lhe atribuem valor significativo.

1.2 Carlos: “Lá todo mundo pega no pé!”

Nascido em uma família de poucas condições econômicas e com sinais de desestruturação emocional e psicológica, em suas memórias, Carlos nos revela que conviveu com os males do alcoolismo dentro de sua casa. Filho de pais separados - mãe dependente química e pai omissivo à sua criação - é o mais velho de seis irmãos, sendo estes frutos de outros relacionamentos de sua mãe. Viveu boa parte de sua infância sob os cuidados de seus avós, haja vista sua mãe ter perdido a guarda de Carlos e de seus irmãos por não se apresentar em condições mínimas de zelar pela criação dos mesmos, como ele mesmo afirma: *“Eu morei com meus avós. Minha mãe logo quando eu nasci me deixou com minha avó”*⁶.

Desde que nasceu, Carlos reside no bairro Santa Maria. Após a recuperação de sua mãe - superação do alcoolismo, Carlos e um de seus irmãos voltaram a morar com ela, enquanto que os demais ficaram com seus pais. Aparentemente indignado, ele lembra ainda que, pouco tempo depois, sua mãe começou uma nova relação o que deu início a um conflito familiar, pois Carlos não aceitou essa nova realidade: *“Um dia quando eu cheguei à noite em casa ela tava com esse rapaz... eu disse que não queria, ela falou que ia tentar, e até hoje”*.

Por essa razão, há quatro anos possui uma relação desgastante com seu padrasto alegando que *“ele é ignorante”* com sua mãe, fato que o irrita demasiadamente. Segundo sua narrativa, os dois não se falam sob nenhuma hipótese e sempre que encontra o padrasto em sua casa busca fazer qualquer tipo de atividade para não ficar lá:

Vou pro mundo, pra lan house, videogame [...] às vezes eu vou pra casa de meu tio, ele tem uma oficina mecânica, às vezes eu ajudo ele lá, ele me dá um trocadinho. Às vezes eu vou... fico só à tarde, às vezes eu fico o dia todo. Final de semana é assim. [...] Praia, de vez em quando a gente lá com os colegas, a gente se ajunta e vai. Jogar bola é quase todo dia no campo.
(Entrevista à autora em 15/09/2010).

À luz dos relatos de Carlos, pode-se perceber a fragilidade do seio familiar no qual vive. No entanto, sabemos que a família é considerada a primeira instituição educacional do ser humano visto que é responsável, principalmente, pela formação do indivíduo com vistas à sua convivência na sociedade. Nesse sentido, ela deve servir de modelo para a construção dos

⁶ Neste estudo, as falas dos entrevistados serão grafadas em itálico a fim de diferenciá-las das demais citações.

valores e comportamentos das crianças, tornando-se necessário o convívio em um ambiente familiar sadio para que tal processo se efetive, conforme Filho (2002, p.39) salienta:

O significado da família para cada indivíduo pode ser muito diferente, entretanto é certo que todas as pessoas vieram de uma família, seja ela como for, e é fato real que essa relação teve e tem a ver com o desenvolvimento educacional, moral, religioso de cada indivíduo dentro da sociedade.

Fora do ambiente familiar, Carlos exerce um trabalho comunitário, em horário oposto ao da escola, na igreja de sua comunidade onde viveu boa parte de sua infância. De acordo com sua narrativa, em virtude de seu tempo de convívio no estabelecimento, todos que ali trabalham zelam pela sua educação preocupando-se constantemente com suas notas, sua frequência à escola, estando sempre abertos a auxiliá-lo em quaisquer dificuldades. No entanto, todos esses atos são vistos por ele como uma forma de controle e intromissão em sua vida, “[...] *lá todo mundo pega no pé!*”.

Desde pequeno, estudou em várias escolas do bairro onde mora. A creche em que sua avó trabalhou foi a primeira experiência em instituição escolar. Em seguida, passou a estudar no Colégio Irene Romão de Brito mudando-se novamente quando retornou ao convívio com sua mãe: “*Minha vó trabalhava na creche, aí quando ela ia de manhã seis horas eu ia mais ela, só voltava cinco da tarde. Depois da creche eu fui pra escola ao lado da creche e aí depois eu fui pra outro colégio lá... aí eu já tava com a minha mãe*”. Ao passar para a 5ª série do ensino fundamental Carlos foi estudar na escola objeto de nossa pesquisa.

Ao ser questionado pelos motivos que o levaram a vir estudar nesta escola, tendo em vista a distância desta para sua residência, alegou falta de vaga nas escolas próximas à sua casa, mas, principalmente, que não gostava de estudar lá, “[...] *eu não sei, eu já estudei lá... mas [...] sei lá, alguma coisa assim que não bate bem lá*”. Ele ainda salientou que passar a estudar nesta escola significava para ele motivo de “[...] *levantar a auto-estima*”, expressão que está relacionada com o status de estudar fora do bairro em que reside.

Embora conheçamos a dificuldade de ingresso de alunos em algumas escolas, principalmente no bairro Santa Maria, tendo em vista a grande demanda da comunidade local e a pouca oferta de escolas no bairro, um fato não colocado por Carlos em seus relatos, mas já confessado por sua mãe, em conversas com as orientadoras educacionais, nos revelou que o principal motivo para sua saída dessas escolas se deu pela sua expulsão de uma das unidades de ensino por causa da indisciplina - fato que não agradava a comunidade da igreja onde ele sempre foi muito querido. Por essa razão, preferiu deslocar-se para uma escola mais distante de sua casa onde não poderia ser observado constantemente.

Apesar do motivo acima exposto, a sua ida para esta escola tem um importante significado para ele, pois, diante da precária situação da comunidade na qual vive, estudar nesta escola significa a possibilidade de uma educação de melhor qualidade se comparada às escolas que frequentou.

Aluno desta escola há três anos, Carlos hoje na 6ª série, confirma possuir uma trajetória marcada pelo comportamento inadequado com alguns professores e alunos, além da inadimplência com os estudos. Em sua narrativa, ele nos descreve um pouco da sua relação com alguns membros da escola: “[...] *péssima, eu não gosto deles, eles também não gostam de mim, e assim vai*”. Já fora chamado à atenção inúmeras vezes pela equipe de orientação pedagógica como também, em casos mais extremos, pela direção.

Em sua documentação escolar encontramos arquivadas em sua ficha individual deste ano 01 suspensão, 02 advertências escritas e 01 termo de compromisso firmado, a próprio punho, pelo aluno comprometendo-se a melhorar seu comportamento perante os colegas e os professores.

Ao relatar sobre os fatores que o levaram à reprovação, Carlos assume a “culpa” e afirma ter sido causada pelo “*Mau estudo, falta de ponto nas matérias, comportamento também*”. Seu depoimento nos revela ainda, de forma tranquila e despreocupada, que sua reprovação não ocorreu em virtude de uma ou duas disciplinas, mas em quase todas, “*Se eu não me engano foi só Educação Física, Artes, assim... o resto... matéria... Português, Matemática, História, Geografia, tudo! [risos] [...] tudo pau mesmo [...] média 2...3...*”. Ao ser questionado sobre o seu sentimento e pensamento sobre a reprovação, Carlos relata de forma bastante espontânea: “*Nada né? São coisas da vida*”.

Os depoimentos acima nos trazem certa preocupação e nos apontam a necessidade de uma profunda reflexão sobre o posicionamento de alguns alunos diante das situações na qual se encontram, neste caso a reprovação. Acreditamos que, dentre outros fatores, a falta ou o incipiente apoio familiar para os estudos, bem como as condições de vida de sua família, se tornem importantes aspectos desencadeadores desse comportamento, haja vista a existência de um “[...] fortíssimo reflexo das condições de vida dos alunos no seu desempenho escolar”. (CORTELLA, 2008, p. 116).

Com relação ao seu prazer pelo estudo e a afinidade com as disciplinas, Carlos nos revela que o único prazer que tem em assistir as aulas de alguma disciplina é na aula de Educação Física, pois é o momento em que pode fazer o que mais gosta - jogar futebol com os colegas: “*Rapaz... gostar, gostar mesmo assim... só Educação Física... pra ir pra quadra. Lá eu jogo bola lá com as caras, futsal... se dependesse era o dia todo na quadra.*”



Fotografia 01: Alunos jogando bola na quadra durante o horário de aula na sala.

Autor(a): Priscila Brandão Casado

Sabe-se que a brincadeira e o jogo possuem um importante valor social, cultural e pedagógico para as crianças e os jovens. Estas atividades permitem que sejam desenvolvidas nas crianças atitudes espontâneas e, por isso, são vivenciadas “sob tensão e prazer, despojado de qualquer tipo de exigências ou consequências úteis” (KUNZ, 1994, p. 90). Assim, à medida que deixam de realizar atividades obrigatórias e recorrentes em seu cotidiano, para vivenciar experiências através do lúdico e do movimento, possibilita-se a formação de “indivíduos críticos e emancipados” (Id. 1994, p.90).

Quando questionado sobre as disciplinas que mais apresenta dificuldades de aprendizagem observou que: “[...] acho que a que eu mais tenho pavor são todas né? As mais são Geografia e História [...]”. Carlos ainda justificou seu relato alegando que os motivos para não gostar, principalmente, dessas duas disciplinas estão relacionados à forma como as professoras ministram suas aulas, “[...] uma professora chata, exige muito do aluno... toda hora passa atividade, isso cansa!”.

Além disso, ele também critica as posturas das docentes diante dos alunos ao falar que “A professora de Geografia, ela é ruim, é péssima, eu acho ela muito mandona, autoritária demais [...] parece padre querendo explicar como é que tem que ser a pessoa, isso e aquilo... dando lição de moral”. Carlos completa sua narrativa descrevendo a rotina dos professores

quando estão em sala de aula, *“Chega... copia... faz chamada, aí senta no birô, aí vai... copia... manda fazer atividade... conversa e explica assunto”*.

A descrição de Carlos sobre a forma como a maioria dos professores ministra suas aulas, nos remete à concepção de educação bancária, criticada por Paulo Freire, a qual nega o diálogo e o desenvolvimento da consciência crítica em favor da memorização mecânica dos conteúdos, como o autor afirma:

A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização do conteúdo narrado. Mas ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1987, p.33).

Por essa razão, evidenciamos a importância do desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e voltadas para a realidade dos alunos. Dessa forma, possibilita-se que o momento da aula se torne algo mais prazeroso para o aluno, como salienta Libâneo (1994, p. 177) ao dizer que “Devemos entender a aula como o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo da aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos”.

Esta afirmação pode ser confirmada em uma das falas de Carlos quando nos aponta alguns momentos que considerou interessante em suas aulas, *“[...] Ciências mesmo, a professora passou trabalho pra gente trazer alguns insetos, pra gente dialogar aqui, explicar o meio ambiente de cada um, essas coisas assim”*.

Pelos motivos já citados, Carlos relata não ter nenhuma motivação ou interesse em assistir a maioria das aulas e, os próprios professores não buscam estratégias para reverter a situação de apatia de boa parte dos alunos. Por isso, ele prefere ficar constantemente pelos corredores e outros ambientes da escola fazendo diversas outras atividades que não estejam relacionadas ao estudo, como ele mesmo narra:

Fico conversando com os colegas, saio pra passear [...] a gente pula, pula pela garagem, às vezes... tem vezes que a gente volta, tem vezes que a gente fica por aí [...]. Tá, a gente fica por aí... vai pra alguma lanchonete, vai pro shopping passear. (Entrevista à autora em 15/09/2010).

No que concerne ao estímulo para os estudos, papel e responsabilidade da família e da própria instituição escolar, em suas narrativas ficou evidente a sua falta de motivação quando

nos relata sobre a atitude de sua mãe em sempre lhe cobrar a frequência à escola “[...] mandar ela manda, vou forçado, por causa da minha mãe... Mas se dependesse de mim... sei lá! Saía, ficava em casa!”.

Outro fator importante que identificamos, refere-se à falta de perspectiva de vida em relação ao seu futuro, pois apesar de ter consciência da importância da escola para a sua vida, “[...] se eu me dedicasse mais aos estudos, me comportasse mais, tivesse boas notas [...]” afirma não possuir nenhum interesse em se dedicar para ascender socialmente: “[risos] aí eu já não sei como é que vai ser essa parte aí né? Trabalhar... eu posso até arrumar trabalho, agora estudo assim [...] Não. Se depender de mim, não...”.

As narrativas do aluno Carlos nos levam a identificar que a sua falta de estímulo para os estudos está fortemente relacionada à ausência de participação da família em suas atividades escolares, e à ação pedagógica do professor que ainda se encontra totalmente desvinculada da realidade do aluno e de seus reais interesses. Confirmando assim, que a escola ainda não está desenvolvendo o seu papel de forma satisfatória, haja vista não conseguir promover a interação e a participação de todos os envolvidos no processo educativo.

1.3 Lara: “Odeio a professora nova!... Porque ela é chata”

Hoje, com 11 anos de idade, Lara é aluna do 6º ano⁷ do ensino fundamental – antiga 5ª série – e reside em um bairro de classe média próximo à escola. Filha de pai policial e mãe recepcionista, viveu com seus pais até os oito anos de idade passando a morar apenas com sua mãe e sua irmã após o divórcio.

Há pouco mais de um ano ela e sua irmã mais velha estão sob os cuidados da patroa de sua mãe. Lara deixou de conviver com seus pais por motivos que ela mesmo não quis revelar, relatando apenas que passou a morar com sua “tia” por que gostava muito de ficar na casa dela fazendo-lhe companhia, “[...] eu fui pra casa de minha tia porque ela ficava muito sozinha à tarde. Quando a empregada saía ela ficava sozinha, aí eu ia pra lá ficar com ela”.

⁷ De acordo com a Resolução Nº. 334/2006/CEE, a partir de 2010 o ensino fundamental passou a ser organizado em 09 anos, o que levou a uma mudança na nomenclatura das séries. Neste caso, a antiga 5ª série passou a ser denominada de 6º ano.

Embora não tenhamos identificado nenhuma forma de estímulo familiar com relação à escola, por parte de seus pais biológicos, este tem sido suprido pela atual família com quem mora. Durante o tempo em que está convivendo com esta nova família, Lara recebe atenção e acompanhamento constante em seus estudos. Como ela mesmo nos relata, sempre ouviu lhe dizer que *“É pra eu estudar, diz que quem não estuda vira vagabunda e também pede esmola”*. Sua “tia” frequentava constantemente a escola a fim de saber como estavam as notas e o comportamento dela, *“[...] ela sempre vinha aqui. Todo mundo conhece ela”*. Suas atitudes e comportamentos durante a entrevista nos demonstrava claramente a admiração, o carinho e o respeito que uma tinha pela outra.

Durante o período da realização das entrevistas, a “tia” de Lara veio a falecer o que a abalou e mudou seu comportamento significativamente. Agora ela está sob os cuidados do marido e de uma das filhas dessa sua tia. Apesar do ocorrido, em alguns momentos de suas falas Lara dá vida à sua “tia” de uma forma como se acreditasse que ela está viva: *“Ela é quem manda eu fazer os deveres”*.

Há quase um ano nesta escola, Lara relata que estudou até a quarta série em um colégio do bairro onde mora. Como lá não ofertava o 6º ano precisou mudar de escola e, embora houvesse outras opções mais próximas à sua casa, passou a estudar com sua irmã, como ela mesma salienta: *“[...] lá só era até a 4ª série. [...] Tinha outras opções, mas eu vim pra cá porque minha irmã falava que aqui era bom”*.

A aparente tranquilidade apresentada no seio familiar destoa de sua vivência no ambiente escolar. Lara possui uma relação bastante conflituosa com alguns professores e alunos e permanece constantemente fora da sala de aula, como pudemos identificar em suas narrativas: *“[...]ah! Eu também odeio a professora de redação... Odeio a professora nova!... Porque ela é chata”*. Ela ainda complementa: *“Um dia ela tava na sala aí eu cheguei chupando picolé, aí ela disse: - saia da sala!... Aí eu falei: - professora já tá acabando... Aí ela: - saia da sala! [...] Aí eu saí!”* e inconformada reclama: *“Ôxe... eu não fiz nada!”*. Ao lhe perguntar se a atitude da professora se repete também com o restante da turma ela afirma: *“[...] mesma coisa, ignorante do mesmo jeito! Acho que ela mandou metade da sala embora”*.

Sabemos que uma boa relação entre professores e alunos é fator essencial para a eficiência do ensino e da aprendizagem. No entanto, o modo como a professora demonstra a

sua preocupação em manter a disciplina da sala revela seu caráter autoritário⁸ perante os alunos. Todavia, é necessário que o docente busque conhecer as razões que levam determinados alunos a adquirirem certos comportamentos, a fim de buscar as melhores maneiras de contornar esse tipo de situação, como Cortella (2008, p. 116, grifo do autor) nos adverte:

O professor reclama de alguns alunos por falarem sempre muito alto, quase gritarem, na sala-de-aula ou nos corredores; realmente, isso incomoda e atrapalha. Entretanto, será que agem dessa forma por que são *mal educados* por natureza? Não se pode supor que um comportamento assim seja imutável e precise ser corrigido com uma disciplina feroz; dependendo da origem social do aluno, até a altura de sua voz é explicável (para ser trabalhada).

No que diz respeito ao seu relacionamento com os colegas de sala, Lara também nos revela possuir alguns problemas: “[...] às vezes eu brigo, bato... [risos]”. No entanto, alega utilizar-se desse comportamento como forma de defesa: “[...] porque ficam mexendo com a minha família e eu não gosto!”. Em virtude desse tipo de comportamento, já fora chamada à atenção inúmeras vezes pela orientação pedagógica, como ela mesma justifica em sua narrativa:

[...] às vezes eu tava brigando, às vezes eu tava gazeando⁹... gazeando não! Fora da sala, né?[risos] porque às vezes os professores num vai... aí a gente fica brincando. Aí quando os professores entram atrasados aí a gente não sabe, e quando vai entrar não pode mais.(Entrevista à autora em 17/09/2010).

Lara nos conta ainda sobre suas disciplinas favoritas e também sobre aquelas de que menos gosta. Matemática, Português e História são consideradas por ela as melhores disciplinas, mesmo assim, quando questionada sobre sua frequência a essas aulas, Lara não fala nada e apenas ri. Ao falar sobre as disciplinas de que não gosta afirma com bastante vontade: “*Geografia e Ciências. Geografia nem tanto, mas Ciências...*”. Sua afirmativa é justificada ao explicar e descrever a forma como as professoras ministram suas aulas:

⁸ Ainda predomina a concepção de que se deve exigir que o aluno assuma uma postura de submissão às normas do professor, tendo que ficar quieto em sua cadeira, sem desviar o olhar para seus colegas. Caso o aluno manifeste condutas que firam as normas estabelecidas, é advertido ou convidado a se retirar da sala de aula. Através desse ritual, as formas de manifestação do poder ocorrem no âmbito escolar (FOUCAULT, 1987 apud BERGER, 2005).

⁹ A expressão “Gazear” é utilizada constantemente nas narrativas dos alunos referindo-se a ausentarem-se das aulas.

[...] a professora só manda ler [...] tem uma professora [pausa] que ela... só gosta de conversar. Na verdade a professora de Ciências ela é boa, mas às vezes... eu acho que ela nunca escreveu uma atividade no quadro. Sempre é no livro, não tem nada diferente. (Entrevista à autora em 17/09/2010).

Segundo Libâneo (1994), o professor não pode esperar que os livros didáticos revelem os aspectos das coisas, as razões reais que estão por detrás das diferenças sociais. Esta deve ser uma tarefa sua, mas para isso, é necessário que o docente tenha o domínio da matéria. Portanto, cabe ao professor suscitar nos alunos o interesse pelo novo, pela descoberta, pois a educação não pode ser resumida a simples transmissão de conhecimentos visto que

Para formar integralmente o aluno não podemos deixar de lado nenhuma dessas facetas: nem a sua instrumentalização, pela transmissão de conteúdos, nem sua formação social, pelo exercício de posturas e relacionamentos que sejam expressão de liberdade, da autenticidade e da responsabilidade. (ALVES e GARCIA, 1999, p.20).

Pelos motivos acima expostos, quando está na sala de aula, Lara não dá a devida atenção ao que a professora está ensinando, ou então, a depender da disciplina, *“por que umas são chatas e outras não são... o professor repete a mesma coisa todo dia”* nem entra na sala para assistir a aula: *“[...]eu fico perturbando... às vezes eu fico sentada jogando baralho, fico conversando”*. Apesar de seus relatos, Lara nunca sofreu nenhuma reprovação.

Outro aspecto salientado em suas narrativas, refere-se a sua visão sobre a importância da escola em sua vida, bem como as suas expectativas para o futuro. Em sua concepção, é importante vir para a escola *“[...] pra não ser vagabundo, ser alguém na vida”*, e ainda nos revela que pensa em se formar e ser engenheira química, a mesma profissão do seu tio.

Diferente do caso anterior, percebemos que Lara recebe orientação e estímulo adequado em sua educação, no entanto, esta responsabilidade passou a ser delegada apenas à sua família de criação. Acredita-se que, em virtude da pouca idade, ela ainda não possui uma clara definição de suas responsabilidades e, aliando este fator à baixa motivação proporcionada pelos professores, seu envolvimento e participação ativa nas aulas é cada vez mais prejudicado.

1.4 Gustavo: “Gazeava muito as aulas”

Jovem de poucas palavras, sua entrevista foi pensada e executada de forma bastante cautelosa, pois era necessário um forte entrosamento e também um pouco de descontração para fazer-lhe narrar algumas de suas memórias.

Filho de pais divorciados, vive sob os cuidados de sua mãe, seus dois irmãos, sua avó materna e seu tio - todos residentes no mesmo domicílio. Seu pai, atualmente casado, possui outros dois filhos, totalizando 05 filhos.

Em casa, a relação de Gustavo com sua mãe é bastante conturbada. Em seus depoimentos, ele revela não aceitar de forma alguma a separação de seus pais. Sua maior revolta diz respeito à falta de preocupação de seu pai para com ele depois que se casou novamente, pois, enquanto viviam juntos, mantinham uma boa relação, sempre saíam e conversavam bastante. Possuíam uma situação financeira relativamente confortável, viviam em um apartamento de classe média e sempre estudou em escolas da rede particular. Após a separação, essa situação foi revertida, as visitas à casa do pai se tornaram raras e poucos contatos telefônicos eram realizados. Segundo Gustavo, não havia mais uma demonstração de preocupação de seu pai com relação aos estudos, seu comportamento e suas necessidades econômicas, por exemplo.

A partir de seus relatos, é possível perceber que o distanciamento entre pai e filho não se dá apenas no campo da relação com a escola, mas em vários contextos, o que provoca em Gustavo uma alteração de comportamento. Suas atitudes, durante a entrevista, nos transmitiam uma sensação de contentamento quando nos relatava sobre os momentos em que estava na companhia do pai, ao mesmo tempo em que demonstrava indignação por não desfrutar mais de sua atenção.

Com relação a sua trajetória escolar, esta foi marcada por constantes expulsões das escolas onde estudou “[...] *por causa do comportamento agressivo na escola... com os professores [...]*” como também com os colegas. Há quatro anos, passou a estudar na rede pública de ensino, pois seu pai era quem o mantinha na escola particular deixando de pagá-la após o divórcio. Desses quatro anos, este é o primeiro ano em que estuda nesta unidade de ensino, pois fora expulso da escola anterior onde estudou por três anos. No entanto, seu comportamento e sua relação com a comunidade escolar não tem sido muito diferente. Além das diversas advertências verbais dadas pela equipe de orientação pedagógica e pela própria direção, Gustavo já fora punido este ano com 02 advertências escritas e 01 suspensão.

Embora afirme que exista um incentivo e um estímulo familiar com relação aos seus estudos, “[...] *minha mãe fala que eu tenho que vir pra escola... estudar, que eu tenho que obedecer aos mais velhos*”, ao longo de seu relato pode-se perceber que este não ocorre de forma tão expressiva. A presença de sua mãe na escola só ocorre nos momentos em que é convocada pelo comitê pedagógico para conversar sobre o mau comportamento de seu filho. Não há um acompanhamento constante de seus estudos, ficando sob a responsabilidade das aulas de reforço, no horário oposto às suas aulas, suprir todas as suas dificuldades de aprendizagem, “*Eu não faço dever em casa, só faço na banca*”.

A partir de suas narrativas, nota-se a fragilidade do envolvimento da família em suas atividades escolares mantendo, assim, um relacionamento superficial com a escola e praticamente restrito a situações formais. Além disso, percebe-se claramente como a família destina toda a responsabilidade pela formação de seu filho para a escola. Contudo, sabemos que cada uma é responsável pelos exercícios de determinadas funções, que embora apresentem especificidades devem se complementar. Nesse sentido, Filho (2002, p.35) destaca: “[...] as escolas, as famílias e as comunidades podem partilhar a responsabilidade pelo sucesso acadêmico dos alunos, mantendo-se a especificidade dos papéis de cada um dos sujeitos dessa interação”.

Atualmente na 7ª série, Gustavo já sofreu duas reprovações quando estava na 6ª série por perder as disciplinas de Matemática, História e Geografia. Hoje, com 14 anos, considera que esta situação se deu porque “[...] *gazeava muito as aulas*”. Em sua narrativa, ele nos fala que o motivo para “gazear” as aulas se dava porque os amigos lhe chamavam para sair da sala e gostavam de ficar “[...] *sentado por aí... conversando, perturbando os outros*”. Apesar de afirmar que gosta “*mais ou menos*” de estudar alega que não assiste boa parte das aulas por influência dos amigos.



Fotografia 02: Alunos pelos corredores da escola durante o horário da aula.

Autor(a): Priscila Brandão Casado

Da mesma forma que o aluno Carlos, ao falar sobre as disciplinas que mais e menos gostam, Gustavo confirma que a aula de Educação Física é o momento com o qual mais se identifica, pois é neste período em que pode praticar esportes, principalmente “[...] *futsal, vôlei e... basquete*”.

Já Matemática foi considerada a disciplina que menos gostava “[...] *porque tem muito cálculo*”. Ao fazer uma breve descrição das aulas que considera pouco interessante, Gustavo nos relata: “*A professora chega... fica conversando com os alunos... faz a chamada e vai copiar no quadro*”. Ele ainda completa sua narrativa afirmando que falta autoridade por parte dos professores, alegando que apenas um docente em sala de aula não é capaz de pôr ordem na turma. Por isso sugere que devem “[...] *colocar dois professores*” na sala de aula.

Discurso bastante semelhante ao das narrativas anteriores, seu relato demonstra o tradicionalismo das práticas pedagógicas adotada por uma parcela expressiva de professores. Embora se discuta a todo o momento sobre a necessidade de inovação dessas práticas, tendo em vista a construção de uma aprendizagem significativa, verificamos claramente que isto ainda não está ocorrendo, como Alves e Garcia (1999, p. 20) salientam:

A formação do aluno jamais acontecerá pela assimilação de discursos, mas sim por um processo microssocial em que ele é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade, ao mesmo tempo em que percebe essas mesmas práticas nos demais membros que participam deste microcosmo com que se relaciona no cotidiano.

Ao conversarmos sobre suas expectativas para o futuro, Gustavo demonstra ter consciência da necessidade de mudança em suas atitudes para que possa alcançar um futuro melhor. Ele nos revela ainda que acredita que se seus pais voltassem a morar juntos seu comportamento e seu relacionamento com os colegas poderia melhorar significativamente tanto no ambiente escolar como em sua vida pessoal.

A partir das narrativas de Gustavo, é possível constatar a importância dos papéis da instituição familiar e da escola para o desenvolvimento pleno dos jovens. Por essa razão, faz-se necessário rever a atuação e a participação da família no processo educativo, bem como a prática pedagógica de alguns professores, com vista a favorecer a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

1.5 Luís: “Eu queria ser jogador de futebol, mas não tem como né?”

Ao contrário dos alunos até aqui entrevistados, Luís, atualmente, vive em um ambiente familiar comprometido e dedicado com seus estudos. Sua mãe e, principalmente, seu padrasto, são pessoas que mantêm uma forte relação com a escola, visitam-na constantemente com o objetivo de saber como estão as notas e o comportamento dele: “[...] *minha mãe manda eu estudar... estudar direto. [...] eles vêm aqui na escola saber como eu tô [...] quando eu tiro nota baixa eles deixa eu sem sair.*”

Aos 16 anos, está há quase um ano nesta cidade e também na escola onde cursa a 8ª série. Natural do estado do Mato Grosso, Luís nos relata que passou boa parte de sua infância e de sua trajetória escolar lá, mudando-se para São Paulo após a separação de seus pais, onde viveu mais alguns anos.

Segundo ele, seu pai biológico enfrentou sérios problemas de alcoolismo e, por essa razão, agredia verbal e fisicamente sua mãe, “*rapaz... desde quando eu era pequeno... meu pai era alcoólatra né? Aí ele batia na minha mãe... aí mexeu muito comigo*”. Apesar da forma agressiva como agia com a mãe, tanto Luís quanto suas outras duas irmãs nunca sofreram nenhum tipo de agressão, “*Em mim não chegou a bater não, era mais em minha mãe*”. Por essa razão, com medo de que as agressões pudessem desencadear algo mais grave em sua família, a mãe de Luís decidiu por pedir a separação, “[...] *ela resolveu se separar, aí... ela foi morar no interior*”.

De acordo com suas narrativas, “[...] *a separação do meu pai e da minha mãe*” foi crucial em sua vida, abalando-o profundamente, “*Demais... eu não queria estudar*”. Apesar de declarar: “[...] *nunca gostei de estudar! [risos]*”, o processo de divórcio de seus pais

contribuiu ainda mais para a sua falta de estímulo para com os estudos, levando-o a parar de estudar – o que o fez reprovar pela primeira vez. Esse processo desencadeou um comportamento agressivo diante de seus colegas tanto na escola quanto na rua, *“Abalou na rua também. [...] às vezes os meninos faziam brincadeira comigo, aí eu não gostava e ia bater”*.

Pouco tempo após o divórcio, sua mãe começou a se relacionar com o seu atual padrasto, o que fez piorar consideravelmente o seu comportamento e as suas atitudes. No início do novo relacionamento, Luís transmitia toda a sua revolta sobre ele, *“[...] quando eu via ele eu xingava ele, tacava pedra no carro dele... hoje ainda a gente não se dá tão bem não!”*. Embora, atualmente, convivam em uma situação mais harmoniosa, e percebamos claramente, no cotidiano da escola, a preocupação do padrasto em relação aos estudos de Luís, ele afirma não acreditar que esta preocupação e dedicação sejam verdadeiras, pois, segundo Luís: *“Ele só faz isso pra ver os outros sofrer!”* e toma essas atitudes como uma forma de *“fazer a média”* com a esposa.

Aluno da rede pública durante toda a sua vida escolar, estudou em diferentes escolas nos estados em que morou. Apesar de relatar que *“nunca”* gostou de estudar, não apresenta problemas relacionados à indisciplina ou violência tão frequentes como nos relatos dos alunos anteriores e, por isso, mantém uma relação *“tranquila”* com os alunos, professores e funcionários. No entanto, é chamado à atenção frequentemente pela equipe de orientação pedagógica, como uma tentativa de fazê-lo voltar à sala de aula: *“Ah... de vez em quando as pedagogas dão uns conselhos pra mim, mas... [...] falam pra mim ir pra sala, pra mim ser um bom aluno”*.

Luís nos revela que no início do ano o que mais fazia na escola era *“Bagunça... em sala de aula”*, pois *“Gazejar até que não gazeava não, mas era muita bagunça mesmo”*, motivo pelo qual reprovou pela segunda vez. Ao longo de sua narrativa, percebíamos a forma desestimulada como falava das disciplinas das quais não gosta: *“[...] Matemática exige muito... tem que pensar demais... ficar fazendo conta. [...] Geografia, a professora só copia no quadro, essas coisas”*, salientando o que mais detesta nas aulas: *“[...] ficar passando atividade no quadro, ficar escrevendo muito”*. Por essa razão, gazeia *“quase todas”* as aulas:

“[...] fico conversando com os colegas, dando uma volta no colégio [...] paquerando as meninas... [...] Perturbando os professores até que não, é mais com os alunos mesmos. [...] na sala de aula eu fico quieto, às vezes converso um pouco, aí a professora manda eu sair.”(Entrevista à autora em 21/09/2010).

Não muito diferente dos relatos dos dois garotos anteriores, Luís também afirma que a Educação Física é a disciplina com que mais se identifica. Justifica tal afirmação alegando que gosta da aula por poder “jogar bola,” afirma que o principal motivo se dá “*porque fica fora da sala de aula*”.

De acordo com Libâneo (1994, p. 125) o prazer pelas aulas de educação física é justificado pelo fato dos esportes serem importantes responsáveis pelo desenvolvimento da personalidade, pois além de contribuir para o fortalecimento da saúde possibilita que seja desenvolvida a “expressão corporal, auto-afirmação, competição construtiva, formação de caráter e desenvolvimento do sentimento de coletividade”.



Fotografia 03: Aula de Educação Física na Quadra – Momento de interação entre os alunos.

Fonte: Arquivo da secretaria da escola (2010).

Em seus relatos Luís afirma que não se sente estimulado para estudar e propõe algumas atividades que acredita que suscitariam nos alunos o interesse pela disciplina, “*fazer uma aula diferente, assim... assistir um filme. [...] Incentivaria... fazer um filme, aí fazer um relatório depois*”.

Apesar de sua falta de interesse com relação aos estudos, Luís demonstra ter consciência das consequências negativas de suas atitudes de hoje para o seu futuro, bem como a importância da escola em sua vida: “*[...] rapaz... para mim a escola serve para tirar as pessoas da rua... e também pra ter um bom ensino, um futuro melhor*”. No entanto, declara, dentre os fatores já relatados, que ainda não se dedicou efetivamente aos estudos porque não acredita na possibilidade de um dia concretizar o seu sonho profissional: “*Eu queria ser*

jogador de futebol, mas não tem como né? [...] não tem futuro pra mim”. demonstrando a sua falta de credibilidade e confiança em si. Por essa razão, afirma que *“aí acabou um pouco a vontade de estudar”*, mas, empolgado, salienta que se houvesse a possibilidade *“Aí a gente começava a estudar!”*. Mesmo assim declara que *“Pretendo... em breve [risos]”* mudar de comportamento *“assistindo as aulas agora”*.

Sobre a importância que os alunos atribuem à escola Nogueira, Romanelli e Zago (2000, p. 36) tecem o seguinte comentário:

expressões que revelam a crença nos benefícios que o estudo pode oferecer [...] são carregadas de valor simbólico e reveladoras do lugar ocupado pela escola não apenas de emprego de um tempo reconhecido como necessário para a aquisição de um certificado e saberes fundamentais, mas também como um lugar que inclui diferentes desejos e subjetividades.

Nesse sentido, percebemos a relevância da existência da motivação e do apoio da família e também da instituição escolar para que os jovens possam adquirir expectativas de futuro, pois o aluno desacreditado por ambas instituições consequentemente perde a autoconfiança e a credibilidade de que é capaz de atingir seus objetivos.

1.6 Thaís: “Acho que deve ser por causa das aulas mesmo, porque às vezes sou eu mesma quem chamo as meninas pra sair...”

Atualmente com 14 anos, está cursando a 7ª série. Apesar da existência de outras instituições de ensino da rede pública no bairro em que mora e em suas adjacências, há quase dois anos Thaís estuda na escola objeto desta pesquisa. Segundo suas narrativas, estudar nesta escola foi uma exigência de seu pai para que pudesse acompanhar melhor a sua educação:

[...] meu pai mora aqui perto.. aí ele queria ficar me observando e tal... fica olhando o que é que tô fazendo... aí ele resolveu me colocar aqui, só que eu não queria estudar aqui, preferia ir pra outra escola. [...] foi ele quem falou que ia me botar aqui, mas eu nunca quis, mas aí ele ficou falando:- vai, vai, você vai estudar lá, você vai estudar lá. Aí eu: - tá, tá certo. Até que eu aceitei e pronto. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

Thaís, durante toda a sua vida escolar, foi mantida por seu pai na rede particular de ensino, mudando-se para o ensino público logo após o divórcio de seus pais, *“Quando meus pais se separaram, minha mãe não tinha condições de tá pagando escola, aí ela me deixou um ano sem estudar”*. Nascida em uma família de três filhos, filha de pai bombeiro e mãe

artesã, há cinco anos enfrentou o processo de separação de seus genitores, fato que a fez parar de estudar por um período de um ano,

Eu era pequena... eu apanhei quando era bebê... a família de meu pai até hoje não gosta muito de mim... meu pai mesmo, eles se separaram quando minha mãe descobriu a traição do meu pai com a minha madrasta... e minha mãe acabou descobrindo que meu pai tinha um caso... meu pai dava em cima das amigas de minha mãe quando eles não estavam juntos... minha avó mesmo nunca aceitou quando minha mãe casou com meu pai e aí minha avó expulsou minha mãe de casa. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

Em seus depoimentos, Thaís revela que após a separação, o contato com a família de seu pai se tornou cada vez mais raro, “[...] o meu pai não fica comigo... ele não se preocupa com as minhas coisas, se eu tô bem... se eu tô doente”, o fato se agravou ainda mais após a união de seu pai com sua atual madrasta, o que restringiu significativamente o convívio entre ambos,

[...] desde pequena eu nunca fui muito com a cara da mulher de meu pai, nunca gostei dela porque quando eu era pequena ela me trancou dois dias dentro de um quarto sem comer, e minha mãe só veio descobrir no outro dia quando ligaram pra ela. Minha mãe bateu nela pra caramba até ela me soltar, ela bateu em meu pai, meu pai bateu em minha mãe... minha mãe deu um soco na cara de meu pai por causa de raiva que ela tinha dele. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

Em suas memórias, Thaís relata que depois de algum tempo de separação, sua mãe envolveu-se com um novo rapaz, seu atual padrasto. Segundo ela, “[...] ele é como se fosse um segundo pai”, pois foi a pessoa que sempre esteve ao seu lado sem nunca lhe deixar faltar nada.

[...] tem mais ou menos quatro anos que ela conheceu ele e até hoje estão juntos, graças a Deus! Ele sempre tá ali perto de mim, ele nunca deixa faltar nada dentro de casa, ele sempre quis me proteger de tudo [...]. É ele quem cuida de mim, é ele quem me dá as coisas, quando eu preciso de alguma coisa eu chego pra ele e peço... eu chamo ele de pai desde quando eu era pequena, mas meu pai nem sabe disso. Eu chamo a mãe dele de vó, a família dele todinha... todo mundo me trata muito bem, graças a Deus!. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

De acordo com seus relatos, tanto sua mãe quanto seu padrasto sempre a estimularam a estudar. Apesar de sua mãe não ter condições de visitar com frequência a escola para acompanhar o seu rendimento - justificado na narrativa da aluna pela necessidade de ficar em casa para cuidar dos afazeres domésticos e cuidar do filho mais novo - seu padrasto e, também, recentemente, seu pai se encarregaram de tal função:

[...] meu pai, ele vem de vez em quando aqui saber como é que tá as minhas notas e minha mãe é que não pode vir muito por causa que ela tem muito serviço em casa e ainda tem que cuidar de meu irmão. Aí meu pai vem às vezes aqui olhar as minhas notas, vem olhar se eu tô na sala. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

Thaís nos revela ainda que a preocupação de seus pais com os seus estudos reflete-se também em sua casa. Tanto a mãe quanto o padrasto prontificam-se constantemente a ensiná-la ou esclarecer-lhe qualquer dúvida ou dificuldade que tenha com os conteúdos: *“Minha mãe pergunta direto se eu tô precisando de alguma ajuda, meu padrasto mesmo ele pergunta se eu tô precisando de ajuda, porque ele é bom em matemática! Aí ele sempre me pergunta se eu preciso de ajuda pra fazer os exercícios de matemática”*.

Apesar de afirmar ter ciência da função e da importância da escola para a vida das pessoas, *“[...] a escola serve pra... assim... formar adultos mais educados... com um futuro melhor do que aquelas pessoas que não tem oportunidade de estudar”* e, além de todo o apoio dado pela família em relação aos estudos, em suas narrativas, nos deixa clara a sua falta de motivação para assistir determinadas aulas. Ela ainda nos esclarece que essa desmotivação nunca aconteceu nas outras escolas onde estudou, pois segundo ela *“[...] não dava nem pra gazeir porque sempre tinha um coordenador, um porteiro, alguém te mandando ir pra sala [...]”*.

Embora nunca tenha sido reprovada, afirma não gostar das matérias de Matemática e História, em virtude de que Matemática *“[...] é complicada mesmo”* e História *“[...] é muito complicado de entender porque ela fala muito devagar, aí deixa os alunos com sono”*. Por esses motivos, fica constantemente fora da sala de aula com mais algumas colegas, *“Quando a aula é meio chatinha aí a gente sai”*.

Dentre as atividades que realiza quando está fora da sala de aula Thaís faz a seguinte revelação: *“A gente fica passeando, sai... e fica comendo... fica conversando com os meninos, aí pára... aí fica tirando foto”*.

Eu nem sei por que... de repente foi que eu comecei a não assistir aula, eu nunca gostei de perder aula... eu não sei se foi por influência... deve ser. Acho que deve ser por causa das aulas mesmo, porque às vezes sou eu mesma quem chamo as meninas pra sair... a maioria das vezes sou eu, algumas vezes é Rebeka aí ela diz: ah.. eu não quero assistir não, vamos! Aí eu vou pra não deixar a coitadinha sozinha! [risos]. (Entrevista à autora em 22/09/2010).



Fotografia 04: Alunos no refeitório durante o horário da aula.

Autor(a): Priscila Brandão Casado

Apesar de Thaís declarar estar constantemente ausente da sala de aula, no que diz respeito à questão da indisciplina não há nada do que se possa comentar. Afirmar que mantém uma relação amigável com boa parte dos professores, alunos e funcionários e que, apenas em alguns casos *“[...] tem alguns que não gostam do meu jeito, alguns até tem raiva de mim... eu acho. [...] com as minhas amigas mesmo é mais divertido... é melhor”*. Por isso, ela afirma que o motivo de todas as vezes em que fora chamada à atenção foi pela sua ausência da sala de aula: *“ Os professores ficam no meu pé... ficam dizendo: ah.. você tá gazeando muito, se você não parar vou levar você pra orientadora!”*.

Thaís nos relatou ainda, um pouco do cotidiano de algumas de suas aulas considerada por ela *“[...] repetitivas e pouco atrativa [...]”* o que a *“[...] incomoda um pouco”*. De acordo com suas narrativas, *“Os professores chegam... fazem a chamada... aí começam a escrever no quadro... aí começam a explicar o assunto... de repente eles param, sentam e aí a galera fica toda conversando, fazendo zuada e tudo”*. De forma indignada, acredita que falta autoridade por parte do professor para com os alunos:

Com certeza falta autoridade. Eles às vezes param e ficam parados só esperando todo mundo parar de conversar e enquanto a turma não para eles ficam lá sem fazer nada. [...] deviam criar uma outra forma, porque às vezes eles estão escrevendo no quadro e fica todo mundo conversando, virado pra trás... aí ficam falando coisas que não deve, aí ficam parados... aí ficam falando um monte de coisa... aí depois os professores chegam aí ficam falando: ói, pare de zuada. Só que isso não faz com que eles parem, fica todo mundo conversando do mesmo jeito. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

A partir de seu relato é possível perceber que para os alunos, os professores que aparentam ser “bonzinhos” não são apontados como os melhores professores. Pelo contrário, “o aluno valoriza o professor que é exigente” (CUNHA, 1997, p. 71), que cobra e se preocupa com o rendimento dos alunos. Pois, assim, eles percebem que existe o interesse do professor em que os alunos aprendam e se desenvolvam.

Thaís ainda sugere atividades que poderiam ser desenvolvidas em sala de aula como um meio de motivar e incentivar os alunos a permanecerem nas aulas de forma atenta:

[...] tentar passar mais trabalhos, porque trabalho é uma coisa que todo mundo gosta de fazer... passar uns filmes explicando algumas coisas. Quando eu estudava na outra escola, a maioria das aulas de Geografia era tudo assim de filmes da Idade Antiga. Se fizessem assim umas coisas diferentes seria melhor pra gente poder entender algumas coisas. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

Libâneo (1994, p.185) defende a necessidade de elaboração e desenvolvimento de atividades que permitam aos alunos formar em suas mentes “noções concretas e mais claras dos fatos e fenômenos ligados à matéria” para que só assim possa alcançar a sistematização dos conhecimentos. Por isso, ele sugere:

[...] pedir aos alunos que digam o que sabem sobre o assunto; levá-los a observar objetos e fenômenos e a verbalizar o que estão vendo ou manipulando; colocar um problema prático cuja solução seja possível com os conhecimentos da matéria nova; [...] registrar no quadro-negro as informações que os alunos vão dando, de forma a ir sistematizando essas informações. (LIBÂNEO, 1994, p. 185)

Em sua narrativa, Thaís revela que tem o sonho de poder ir para a faculdade para cursar medicina, e afirma estar ciente da necessidade de se dedicar aos estudos:

[...] no futuro mesmo eu quero ser uma médica... trabalhar pra poder ajudar as pessoas, mas isso tem que vir de mim... eu tenho que parar pra estudar e prestar atenção na aula e... todo mundo fala que pra ser médica tem que estudar bastante. E isso é uma coisa que eu não faço muito, mas em época de prova eu estudo bastante. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

Thaís finaliza seu relato, alertando que se houvesse mais estímulo e incentivo por parte da escola e da família ela se sentiria mais motivada para estudar.

[...] quando as pessoas ficam me incentivando a fazer alguma coisa, eu me interessei mais em fazer e... procuro estudar mais... e medicina é uma coisa que a gente tem que estudar bastante... tem que parar pra estudar, porque se eu quero me formar em medicina eu tenho que parar pra estudar direito,

senão, eu não vou conseguir a minha vaga no futuro. (Entrevista à autora em 22/09/2010).

Diante de todos os depoimentos aqui apresentados, torna-se necessário uma profunda reflexão sobre os problemas enfrentados no cotidiano da escola pública nos dias atuais. Para isso, é preciso que todos os envolvidos nesse processo - escola, professores e família – repensem suas ações e a forma como estão desenvolvendo seus papéis.

CAPÍTULO II

A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE A SALA DE AULA, OS ALUNOS E AS FAMÍLIAS

A vida cotidiana é a objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância. É através dela que se faz concreta a prática pedagógica, no caso do professor. É tentar descobrir como ele vive e percebe as regras do jogo escolar, que idéias vivencia na sua prática e verbaliza no seu discurso e que relações estabelece com os alunos e com a sociedade em que vive.
(CUNHA, 1997, p.35)

Neste capítulo, procuramos fornecer subsídios para a reflexão a respeito das práticas pedagógicas desenvolvidas por alguns professores em sala de aula, bem como compreender o tipo de relação existente entre eles, os alunos e suas famílias.

A proposta inicial almejava aplicar os questionários aos professores mais citados pelos alunos nos relatos sobre as disciplinas que mais e menos gostam. Por meio de suas narrativas, identificamos que as disciplinas de Matemática, Geografia e História foram consideradas pela maioria dos discentes como as disciplinas mais “chatas” e também as que levaram três alunos à reprovação.

Por outro lado, a Educação Física fora apontada pelos três meninos como a disciplina da qual mais gostam, sendo suas respostas justificadas sempre pelo mesmo motivo, conforme a narrativa do aluno Carlos: “*Rapaz... gostar, gostar mesmo assim... só Educação Física... pra ir pra quadra. Lá eu jogo bola lá com as caras, futsal... se dependesse era o dia todo na quadra*”. Luís ainda complementa esta justificativa afirmando gostar da aula de Educação Física “*porque fica fora da sala de aula*”. Já as duas meninas entrevistadas, apontaram a disciplina de Língua Portuguesa como a que mais lhe agradam.

Através destas narrativas é que pudemos nortear o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, os questionários deveriam ser aplicados às professoras responsáveis pelas disciplinas de Matemática, Geografia, História, Educação Física e Língua Portuguesa no ensino fundamental. Pelo fato, de me encontrar em contato direto com estas professoras e, também, por manter uma relação amigável com elas, acreditei que teria facilidade em aplicar os questionários. No entanto, me surpreendi com o retorno dado pelas docentes.

À primeira vista, todas, com exceção da professora de Educação Física, reclamaram da quantidade de questões – cerca de 17 itens – fazendo os seguintes comentários: “*Vixe! Você*

deveria ter elaborado um questionário de marcar X!”, *“Pra quê tantas questões? Você não poderia ter feito menor não?”*. Além disso, houve a recusa, por parte da professora de Matemática, em respondê-lo. Apesar de, inicialmente, ter aceitado a proposta, ao se deparar com alguns questionamentos que faziam referência aos motivos a que ela atribuía à baixa frequência e o elevado índice de reprovações em sua disciplina, a professora de Matemática recusou respondê-los alegando que estaria apontando *“culpados”* para os problemas enfrentados na escola.

Embora tenha lhe explicado a proposta do trabalho, e ter lhe deixado claro que não temos a intenção de *“apontar culpados”*, mas sim de refletir sobre as práticas pedagógicas e as relações desenvolvidas no cotidiano escolar, com intuito de propor melhorias para educação oferecida pela escola pública, ela ainda hesitou em participar do trabalho.

Com a professora de História também não obtivemos resultados. Após uma semana com o questionário em mãos, ela alegou falta de tempo para respondê-lo: *“passei a semana toda corrigindo prova, e você sabe né? Tenho uma filha pequena para cuidar...”*. Com muito sufoco consegui receber os questionários das professoras de Geografia e Português, pois ainda tive que entregar novamente um questionário à professora de Geografia, que o tinha perdido, e tive que ouvir da professora de Português que eu teria que esperar para receber as respostas após um feriado prolongado, porque, naquele momento – em que ela não estava ocupada –, estava com *“preguiça”* de responder.

Apesar de todos os entraves, recebi em tempo hábil o questionário da professora de Educação Física que solicitamente atendeu ao meu pedido. Assim, pelos motivos acima descritos, esta análise irá pautar-se apenas nas narrativas das professoras de Geografia, Português e Educação Física.

Os questionamentos valeram-se da perspectiva de conhecer o perfil profissional desses docentes através da obtenção de dados sobre sua formação e tempo de magistério, concepções de escola e de professor, relação com os alunos e a família, e práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Além disso, buscamos, principalmente, identificar os motivos a que atribuem a ausência, ou não, de alguns alunos às aulas e os mecanismos que utilizam para reverter essa situação.

2.1 Cristina: a professora de Geografia

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), a professora Cristina ministra aulas de Geografia há 18 anos e atua no ensino público durante o mesmo

período. Há 13 anos, está lecionando nesta unidade de ensino e, atualmente, ministra aulas nas turmas do ensino fundamental e nos 2º anos do ensino médio.

Através da aplicação do questionário buscamos identificar a compreensão das professoras a respeito de diversos aspectos que envolvem o cotidiano da sala de aula. Inicialmente, procuramos compreender qual a concepção de escola para a professora Cristina. Segundo ela, a escola é *“Um ambiente criado, institucionalizado, para formar cidadãos livres e autônomos”*. Enquanto sua definição sobre o que significa ser professor remete ao docente como *“Transmissor e facilitador do conhecimento. Além de formador de personalidades”*.

Percebemos no relato da professora que sua visão sobre o docente ainda está vinculada a uma concepção tradicional, onde o professor é o agente transmissor do conhecimento e os alunos são apenas receptores dessas informações que em nada se relacionam com a sua realidade. Para Cunha (1997, p. 24) *“Uma visão simplista diria que a função do professor é ensinar e poderia reduzir este ato a uma perspectiva mecânica, descontextualizada”*. No entanto, sabe-se que o ensino é sempre situado em uma realidade específica, onde fatores internos e externos à escola acabam interferindo e influenciando nesse processo.

Por essa razão, a educação não pode se resumir à transmissão desses conteúdos. Haja vista, entendermos que:

[...] uma pessoa de posse de tais instrumentos ainda não está apta a relacionar-se com o mundo e com a sociedade de maneira plena, autêntica e satisfatória: falta-lhe ainda uma postura diante da realidade, uma forma de se utilizar desses aparelhos, uma personalidade definida. (ALVES e GARCIA,1999, p.19).

Esta postura não pode ser adquirida apenas na escola, mas dentro do ambiente familiar e nos diversos outros meios nos quais a criança convive, pois começa a entrar em contato com diferentes realidades que a levam a assumir determinadas posturas. Assim, vai construindo valores, conceitos e formando sua personalidade.

Cristina acredita na importância de conhecer melhor a vida dos discentes, pois presume que a partir de uma visão geral de quem são os seus alunos é possível redirecionar sua forma de trabalho, com vistas a estimular o processo de ensino/aprendizagem.

De acordo com Libâneo (1994), para que o processo de aprendizagem dos alunos se efetive faz-se necessário considerar a vida cotidiana destes. Tanto o ambiente familiar, como o trabalho, ou qualquer outro ambiente, deve ser considerado, pois estes são meios vivenciados pelos alunos e que também fornecem conhecimentos e experiências que podem ser utilizados como ponto de partida para o estudo e a compreensão das disciplinas. Por esses

motivos, deve ser responsabilidade do docente proporcionar a interação entre esses dois aspectos - realidade do aluno e saber sistematizado - de forma a tornar os conteúdos significativos para seus alunos.

No tocante ao tipo de relacionamento que mantém com os discentes, a professora afirma, sucintamente, se tratar de uma relação de “*amor e ódio*”. E relata ainda que os maiores empecilhos para a efetivação de suas práticas estão ligados ao pouco domínio que possui para a utilização de multimídia e também “[...] *a falta de educação doméstica*” dos alunos.

A forma como Cristina define sua relação com os alunos é algo passível de reflexão. A partir de sua narrativa, percebemos que a relação existente entre a professora e os alunos acontece de forma bastante heterogênea, havendo desde as que se dão em harmonia até as que implicam em pequenos conflitos. Segundo Paro (1995, p. 174), “Os conflitos, quando ultrapassam os limites da sala de aula, se dão essencialmente na forma de ressentimentos de ambas as partes por acontecimentos que se deram durante as aulas”. O autor ainda salienta que o ressentimento por parte do docente ocorre com aqueles alunos considerados os mais bagunceiros e indisciplinados, enquanto que, por parte dos alunos, este ocorre com os professores que identificam como autoritários.

Com relação às dificuldades que encontra na utilização de recursos tecnológicos, é indiscutível a necessidade de a escola manter-se atualizada tendo acesso às novas tecnologias. O acesso às multimídias possibilita os alunos ampliarem significativamente seus conhecimentos, entretanto, é essencial que o professor entenda que a utilização de multimídias, por si só, não consegue transformar a aula expositiva em uma aula que proporciona a construção do conhecimento. Esta diferença precisa está na forma do discurso do professor que deve continuar levando em consideração o conhecimento prévio do aluno como Silva e Camargo (apud PASSINI, E.; PASSINI, R.; MALYSZ, 2007, p.81) defendem:

Mesmo sem nenhum apoio tecnológico, aquele professor que fazia os alunos elaborarem seus textos, respeitando a organização do seu pensamento, auxiliando-os a passarem do rascunho para um texto lógico, comunicável, certamente utilizará o computador como ferramenta auxiliar para a aprendizagem significativa do aluno.

É notório que, nos dias de hoje, a escola tem sido vista por muitas famílias como o único meio pelo qual as crianças adquirem formação, seja ela intelectual ou moral, pois “[...] alguns pais acabam entregando seus filhos à escola para que os professores [...] busquem soluções para os problemas, mesmo aqueles gerados no seio da família, pois eles definiram que a escola educa e os pais alimentam” (Id., 2007, p.66). No entanto, sabemos que este é um

papel que deve ser realizado por ambas as instituições, de forma que mantenham uma relação mútua entre elas.

Ao revelar os fatores a que atribui o elevado índice de reprovação na disciplina que ministra, Cristina aponta a responsabilidade para os próprios alunos alegando o “[...] *mau desempenho deles nas atividades*” e a ausência destes à sua aula, embora permaneçam no ambiente escolar. Ela ainda justifica que acredita que esta ausência ocorra em razão da falta de interesse dos próprios alunos em quererem aprender.



Fotografia 05: Carteiras vazias em pleno horário de aula.

Autor: Priscila Brandão Casado

Através de seu discurso é possível perceber que a professora atribui todos os problemas detectados apenas aos alunos e, em nenhum momento, reflete sobre a sua própria prática em sala de aula. Além disso, nota-se que a mesma não apresenta informações significativas sobre quem são seus alunos, como se configuram suas famílias, quais as suas expectativas e como se relacionam com a escola, pois assim compreenderia que estas situações podem ter suas origens em outros fatores e não apenas nos apontados por ela. Sobre esta questão Paro (1995, p.258) emite o seguinte discurso:

É interessante observar que precisamente aqueles que tem uma prática docente pouco estimulante ou que são criticados pelos alunos são os que, embora reconhecendo a baixa qualidade do ensino, tendem a imputá-la muito mais à “clientela”, enquanto que os considerados bons professores buscam as razões na própria prática docente.

Já com relação à indisciplina desses alunos, ela afirma buscar identificar as raízes dos problemas para somente depois poder agir. No entanto, não nos deixa claro sua forma de atuação.

A professora ratifica ainda que faz uso de diversas ações que incitem a participação dos discentes. Embora, anteriormente, tenha afirmado que possui dificuldades na utilização de multimídias, ela aponta para a utilização desses recursos em suas aulas, além de pesquisas e atividades de fixação. Para ela, estas atividades contribuem para a melhoria do desempenho dos alunos, entretanto relata que *“[...] mesmo não conseguindo a participação dos alunos mais problemáticos, ao menos compenso as deficiências trazidas das séries anteriores”*.

Vale ressaltar que a disciplina ministrada por essa professora foi considerada pelos alunos como uma disciplina pouco atrativa e motivadora, em virtude da forma como é trabalhada em sala de aula. Os alunos apontaram para aspectos tradicionais, tais como cópias, leituras e exercícios de fixação, ou seja, exercícios que os levam a mera memorização dos conteúdos. Mesmo a professora admitindo, teoricamente, que no ensino deve ser considerada a forma de pensar dos alunos, na prática, identificamos que sua concepção se orienta em atividades que estimulem a repetição e memorização.

Faz-se interessante salientar também que, este ano, ela está ministrando aulas nas 6ª e 7ª séries. No entanto, no ano passado, também exerceu suas funções nas turmas de 5ª séries. Assim, ao afirmar que as atividades que desenvolve em sala compensam as deficiências trazidas pelos alunos das séries anteriores nos leva a considerar que estas deficiências também são fruto de sua prática, a qual não está apresentando resultados satisfatórios.

A partir das entrevistas dadas pelos alunos e, pela observação do cotidiano dessas aulas, verificamos que o relacionamento educador-educando se dá sem que se busque a autonomia do aluno a partir da utilização de conteúdos significativos. Dessa forma, o professor não conseguirá formar alunos observadores e ativos frente aos desafios da realidade se apenas esperar deles a memorização de conteúdos.

A professora Cristina conclui ressaltando que não identifica diferenças entre os alunos de escolas públicas ou particulares, mas afirma que a falta de participação e cobrança por parte dos pais de alunos da rede pública é um fator negativo para a educação desses jovens, fato que não acontece com os discentes de escolas privadas.

É evidente que se compararmos famílias de diferentes poder aquisitivo, constataremos que a frequência e a participação à escola das que possuem melhor situação econômica é significativamente maior se comparadas às famílias de baixa renda. Estas atitudes podem ser

observadas por meio da assiduidade à escola, cobrança de bons resultados, estímulo para os estudos, dentre outros.

No outro caso, percebemos que o pouco envolvimento da família pode estar vinculado a fatores relacionados à falta de tempo para visitarem a escola – em virtude da excessiva carga horária de trabalho; desconhecimento de seus direitos e deveres com relação à educação de seus filhos, de forma a considerar a escola a única instituição responsável pela garantia da educação de seus filhos.

Entretanto, não podemos generalizar para todos os discentes as características de algumas famílias e, sim buscar conhecer o contexto no qual estão inseridas como forma de melhor compreendê-las, conforme Nogueira, M.; Romanelli, G.; Zago, N. (2000, p. 10) salienta,

As famílias, assim como a escola, não podem ser consideradas de forma abstrata, dissociadas de suas condições históricas e socioculturais. Como já tem sido apontado por vários pesquisadores, variam consideravelmente as formas de interação que as camadas médias e as camadas populares estabelecem com os professores e – de modo geral – com a instituição onde estudam seus filhos, ou ainda as práticas que adotam para favorecer a escolarização dos mesmos.

Por meio das narrativas da professora Cristina, foi possível identificar que sua concepção a respeito da escola e do processo educativo como um todo, ainda se encontra fortemente ligada a uma concepção tradicional de educação. Dificultando, assim, o seu relacionamento com os alunos e a efetivação de um processo de ensino-aprendizagem que garanta o envolvimento de todos.

2.2 Lúcia: a professora de Língua Portuguesa

Lúcia é professora desta escola há pouco mais de 02 anos. Possui formação em Letras Vernáculas pela UFS e exerce a profissão há 13 anos, sempre atuando no ensino público. Atualmente, é responsável por ministrar as aulas de Português e Redação em turmas do ensino fundamental.

Sua concepção de escola relaciona a instituição de ensino como um local de conhecimento, e ainda acrescenta: *“Antes era o local de conhecimento. Hoje, além do conhecimento é também do acolhimento”*. Já sua opinião a respeito do exercício docente, a

traduz através da seguinte frase: “[...] *um misto de autoridade e amizade*” e ainda salienta, “*Para mim, não adianta um dos atributos e sim os dois*”.

Segundo a professora, faz-se necessário conhecer a realidade e a história de vida de seus alunos, tendo em vista a possibilidade de “[...] *entendê-los melhor*”. Considera também que mantém uma boa relação com os discentes afirmando buscar constantemente manter “*diálogos e acordos*” com eles.

Quanto melhor for o conhecimento que os professores tiverem do ambiente familiar dos alunos, de suas necessidades e preferências, melhor será a mediação que o docente conseguirá fazer na aula para que haja a construção de conhecimento. Melhor será ainda, se este conseguir proporcionar aos alunos uma relação de amizade e respeito mútuo dentro do ambiente escolar, permitindo a troca de idéias e conhecimentos entre ambos.

Apesar de salientar a existência de um bom relacionamento com as suas turmas, ela ainda acredita que o principal desafio que enfrenta no exercício da docência, diz respeito à falta de vontade dos alunos em quererem aprender. Por esse motivo, ela salienta a necessidade de “*Acordar o espírito do querer aprender, do querer mais.*”

Ao se propor a conhecer melhor a realidade dos discentes e seus reais interesses na escola, o professor será capaz de discernir sobre os verdadeiros motivos que geram o desinteresse de seus alunos em estudar. Desta forma, ele poderá identificar se as causas estão relacionadas a fatores inerentes à vida pessoal dos alunos ou à sua própria ação pedagógica que não está surtindo os efeitos almejados. Somente de posse destas informações é que será possível buscar e propor mudanças para este quadro, no entanto, é preciso que haja um verdadeiro comprometimento do professor com a aprendizagem do aluno.

Ao ser questionada sobre os motivos que levam os alunos a apontarem a sua disciplina como uma das matérias que mais gostam, Lúcia defende a idéia de que a postura que mantém em sala de aula proporciona uma melhor interação entre eles. O que aumenta consideravelmente a satisfação com a disciplina.

Embora, em seu relato, não especifique essa postura que desenvolve, pelas observações que fazemos cotidianamente, percebemos que ela mantém uma forte relação de amizade com seus alunos. Além disso, busca sempre se utilizar de práticas que estimulem a aprendizagem deles, “[...] *procuro fazer atividades menos convencionais*”, como por exemplo, ela sempre procura trabalhar a língua portuguesa através de textos que envolvam músicas da atualidade e sempre de acordo com a faixa etária dos alunos. Sobre este aspecto Cunha (1997, p.71) tece o seguinte comentário: “Parece consequência natural, para o professor que tem boa relação com os alunos, preocupar-se com os métodos de aprendizagem

e procurar formas dialógicas de interação”. Isso demonstra ao aluno que o docente acredita em suas potencialidades, que se preocupa com sua aprendizagem.

A professora ainda considera que todas essas ações surtem um significativo efeito, “*quantitativamente em 70%*” e, salienta que, embora ainda existam deficiências com relação às notas das provas, estas são superadas através do bom desempenho dos alunos nas demais atividades: “*Apesar de as notas das provas não serem altas, procuro juntar com as outras atividades*”.

Apesar de Lúcia utilizar-se de métodos avaliativos que visem o aspecto quantitativo, neste caso a prova escrita, ela inova na metodologia ao fazer uso de atividades diferenciadas. Sabe-se que a avaliação deve ser entendida pelo professor como um processo contínuo cuja função seja de diagnosticar e analisar as ações não só dos alunos, mas também dos próprios professores, como Libâneo (1994, p. 190) afirma:

A verificação e controle do rendimento escolar para efeito de avaliação é uma função didática que percorre todas as etapas do ensino, e abrange consideração dos vários tipos de atividades do professor e dos alunos no processo de ensino. A avaliação do ensino e da aprendizagem deve ser vista como um processo sistemático e contínuo, no decurso do qual vão sendo obtidas informações e manifestações acerca do desenvolvimento das atividades docentes e discentes, atribuindo-lhes juízos de valor.

No tocante à existência de baixa frequência de alunos à sua aula, a professora considera que esta situação não ocorre. Ela ratifica ainda, que além dos alunos gostarem de assistir suas aulas, ao invés de punir os mais indisciplinados através de expulsão da sala, prefere manter um diálogo e, apenas em casos mais graves, recorre à caderneta para retirar pontos dos alunos. Se nenhuma dessas duas formas surtirem o efeito desejado, “*levo ao conhecimento da equipe pedagógica*”. Todas essas atitudes tomadas pela professora em sala de aula são consideradas por ela eficientes e, apenas em casos mais difíceis não obtém o resultado esperado.

Por fim, ao lhe questionarmos sobre a existência de diferenças entre os alunos da rede pública e da rede privada e sobre a relação que isto mantém com o seu modo de ministrar as aulas, Lúcia afirma acreditar que existem diferenças entre eles. Ela defende, da mesma forma que a professora de Geografia, que a diferença existente não ocorre em função dos alunos, mas, sim, pelo acompanhamento, ou não, da família na vida escolar dos filhos, como ela mesma justifica: “*A grande diferença é que na escola privada, os pais acompanham e querem aprovação e na rede pública apenas que permaneçam na escola*”.

Esta narrativa nos leva a refletir sobre o papel da família na educação escolar, especialmente no que diz respeito à sua participação nesse processo, como Paro (1995, p. 220) salienta:

No caso da educação escolar, esta situação se configura, quer pela falta de tempo dos pais e demais membros da família para acompanharem mais de perto o desenvolvimento das atividades escolares da criança, quer pela falta de preparo e conhecimento dos mesmos para fazer esse acompanhamento. Nessas condições, a educação escolar passa a ser vista como mais uma mercadoria cuja produção se dá numa instância inteiramente desvinculada da família e à qual se tem acesso, quer pelo pagamento direto, quer pelo usufruto de um direito social.

Os depoimentos da professora Lúcia permitem que identifiquemos a clareza de seus propósitos com relação à educação e a importância que atribui ao seu papel enquanto docente.

2.3 Carla: A professora de Educação Física

Professora da rede pública há 12 anos, está a 20 exercendo a função. Formada em Educação Física também pela UFS, atua há dois anos nesta escola ministrando aulas de Educação Física em todas as turmas do ensino fundamental e aulas de dança no ensino médio. Além de professora, há quase um ano também exerce a função de Agente de Esportes na instituição, sendo responsável pela elaboração e coordenação de projetos ligados a esportes, promoção de saúde, combate às drogas, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Segundo seus relatos, Carla acredita que a profissão docente significa “*Transmitir o que de mais precioso possui o conhecimento*” e, ainda salienta o orgulho que sente de sua profissão, “[...] *tenho muito orgulho de minha profissão e a faço com muito amor, pois além de fazer uma das coisas que mais gosto, ensinar, é daí que tiro parte de meu sustento*”.

Percebemos em suas respostas que a professora atribui significativa importância ao conhecimento da realidade e da vivência de seus alunos fora do ambiente escolar. Ela acredita que este aspecto se encontra intimamente relacionado com o processo de aprendizagem dos discentes o que, segundo ela, interfere “*positiva ou negativamente em seu aprendizado*”. Além disso, considera que esta realidade deve ser utilizada como instrumento de sua prática pedagógica com vistas a motivar a participação dos alunos nas aulas.

De acordo com o Projeto Político da escola, conhecer a realidade dos alunos é função primordial e essencial do professor para que possa desenvolver um trabalho de qualidade:

A escola deve, portanto, oferecer ao aluno experiências concretas que o torne um ser participante, reflexivo, crítico, transformador e capaz de resolver seus próprios problemas. Para tanto é preciso que o ensino parta do concreto, da experiência diária do aluno, dos conhecimentos que ele já detém, que sejam dadas oportunidades de busca, de descoberta, de valorização do pensamento reflexivo, liberando a criatividade do aluno, permitindo-lhe a compreensão dos conceitos e sua aplicabilidade em novas situações.(SERGIPE, 2009,p.9).

Sobre o tipo de relação que mantém com seus alunos, a professora Carla a considera muito boa, pois busca manter “[...] *uma relação de muito carinho e respeito [...]*”. Dessa forma, alia sua prática - voltada para a realidade discente - com o bom envolvimento que mantém com eles, o que lhe possibilita ter “*domínio de classe*” sem que seja necessário se utilizar de práticas autoritárias.

A interação que o professor estabelece com os discentes tem um papel de extrema importância dentro do processo de ensino/aprendizagem, pois “os elementos afetivos e relacionais exercem um papel considerável na progressão escolar dos alunos”. (PERRENOUD, 1986 apud MIZUKAMI, 2002, p.44).

Ao ser questionada sobre o que considera mais difícil, no exercício da docência, Carla salienta que o maior desafio é enfrentar a realidade dos alunos, pois “[...] *quando nos deparamos com situações como o uso de drogas ou gravidez precoce, faz com que repensemos nossas responsabilidades de educador*”.

Através dos relatos dos alunos, identificamos que a Educação Física é a disciplina que mais atrai a participação deles. Por essa razão, perguntamos à professora a que fatores ela atribuía os relatos dos discentes entrevistados, e ela nos respondeu:

O planejamento é feito antes de conhecer a turma, mas após o primeiro contato faço as adaptações de acordo com a realidade dos alunos, mostro o que tenho e aceito a sugestão deles para o planejamento final. Temos uma relação de carinho e respeito e procuro trabalhar além dos temas centrais, temas atuais onde o envolvimento é total.

Segundo Libâneo (1994, p. 181), é essencial que antes de entrar na classe e iniciar a aula, o professor prepare-se através de um planejamento sistemático, pois “a preparação da sistemática das aulas assegura a dosagem da matéria e do tempo, o esclarecimento dos objetivos a atingir e das atividades que serão realizadas e a preparação de recursos auxiliares do ensino.” No entanto, estas decisões não podem ser imutáveis, pois as decisões que realmente importam no processo de ensino/aprendizagem não são tomadas apenas no início

do trabalho. Por isso, faz-se necessário que estas práticas sejam revistas constantemente, pois “durante o desenrolar do processo, é que irá clarificando para si e para os educandos, e com os educandos, as metas onde se deseja chegar” (VEIGA, 1989, p.59).

Por essa razão, suas aulas não possuem altos índices de ausência dos alunos, salvo “[...] nas aulas do 6º horário¹⁰. Atribuo simplesmente à falta de costume deste horário, eles dizem que é o horário da fome, e alguns tem outras atividades logo após este horário”. Ela ainda salienta que procura constantemente estimular os alunos com atividades atrativas e, para isso busca “[...] mudar os ambientes e sair da mesmice, posso ministrar o mesmo tema de várias formas e eles adoram”.

A prática de atividades lúdicas permite o movimento e a socialização da criança e dos jovens através da brincadeira e do jogo. Dessa forma, melhora significativamente o rendimento nas atividades escolares, haja vista permitir “um agir livre e espontâneo que se manifesta na brincadeira e no jogo, através de impulsos vitais do ser humano”. (KUNZ, 1994, p. 89).



Fotografia 06: Yoga na aula de Educação Física – trabalhando corpo e mente.

Fonte: Arquivo da secretaria da escola (2010).

É interessante salientar que embora estejamos acostumados a relacionar a aula de Educação Física apenas a exercícios e jogos em quadra. Verificamos que a professora ministra suas aulas em diversos outros ambientes, como a biblioteca, a sala de vídeo, sala de

¹⁰ No turno matutino as turmas de Ensino Médio possuem cinco horários de cinquenta minutos efetivos em sala de aula (1º ao 5º horário), um horário de quarenta minutos (6º horário), e trinta minutos de intervalo, horário estabelecido das 07:00 às 12:20h.

dança e na própria sala de aula, mas, nem por isso, suas aulas são consideradas chatas, tendo em vista a forma como são ministradas.



Fotografia 07: Café da manhã em sala de aula - culminância do Projeto de Educação Física sobre Alimentação Saudável.

Fonte: Arquivo da secretaria da escola (2010).

Para ela, a forma como desenvolve seu trabalho lhe dá um retorno satisfatório, pois *“os alunos adoram novidades, e como já falei sair da rotina não significa não cumprir o planejamento”*.

Com relação ao trato que dá as questões de indisciplina dos alunos, Carla explica que busca resolver os problemas com os próprios alunos, mas, quando não consegue resolver em sala de aula *“[...] solicito ajuda das pedagogas e, em último caso, da coordenação ou direção, mas é muito raro.”*

Para concluir, procuramos saber se Carla considera que existe diferença entre alunos de escolas públicas e privadas e de que forma isso modifica a sua prática em sala de aula. Percebemos através de seu relato que este não é um fator que influencia no exercício de sua função:

Nossa clientela é muito eclética, até pela própria localização. Mas sempre faço questão de dizer que não vejo diferença entre eles e os alunos da rede privada, tenho muito orgulho de nossos alunos e em minha disciplina eles são colaboradores, já trabalhei com clientela muito carente e mesmo lá as pessoas me perguntavam se eu também era da rede privada e eu respondia que não e que seja na rede pública ou privada temos um trabalho a ser realizado e recebo para isso, gosto muito do que faço.

Assim, diante de todas as considerações feitas pelas professoras, alguns comentários podem ser traçados:

Todas as docentes emitiram opiniões a respeito da concepção de escola e do papel do professor, atribuindo a função de transmissor de conhecimentos e formador de cidadãos autônomos.

Sobre a importância que atribuem a conhecer a realidade dos discentes, todas as professoras apontaram para a significativa importância desse aspecto.

Uma das questões procurava saber sobre o tipo de relação que é mantida entre professor e aluno. Uma das professoras a definiu como uma relação de “*amor e ódio*”, enquanto que as outras duas afirmaram manter uma relação de amizade e respeito entre ambos.

No que diz respeito aos principais desafios enfrentados no exercício da docência, há um certo juízo de valor por parte das docentes ao caracterizar os pais, tanto como ausentes da escola, quanto alheios ao processo educativo de seus filhos. Apenas uma professora também considerou como um entrave à sua prática em sala de aula, o pouco domínio para a utilização de recursos tecnológicos.

Com relação aos motivos que levam os alunos a considerar as disciplinas como mais ou menos atrativas, enquanto uma professora atribuiu o problema da recusa a sua disciplina aos próprios alunos, as outras duas docentes afirmam proporcionar atividades que estimulem a interação e a participação dos discentes.

Pedi-se também a opinião das professoras acerca das atitudes que são tomadas com os alunos indisciplinados. Em seus relatos, elas afirmaram tentar solucioná-los em sala de aula, através de diálogos e, apenas em casos mais extremos os conduzem para o Comitê Pedagógico.

Por fim, procuramos saber se as professoras consideravam existir diferença entre alunos da rede pública e privada e, a esse respeito, elas não apontaram diferenças entre os alunos, mas, sim, entre as famílias. Pois, entendem que as famílias de níveis sociais mais elevados possuem uma maior preocupação com os assuntos ligados à educação de seus filhos.

Depoimentos como esses mostram a relevância de compreender a concepção dos docentes a respeito da educação e de todos que participam direta ou indiretamente desse processo. Assim, é possível encontrar respostas para as situações vividas no cotidiano da escola.

2.4 O Comitê Pedagógico

Tendo em vista a importância da atuação do comitê pedagógico no acompanhamento direto dos alunos nas instituições de ensino, acreditamos que um diálogo com esta equipe contribui e complementa significativamente a nossa análise, pois nos permite relacionar as percepções de diferentes membros da escola. Além disso, buscamos apoio para a fundamentação de nossa pesquisa em importantes documentos da própria instituição, como o Regimento Escolar e o Projeto Político Pedagógico (PPP).

De acordo com o art. 27 do Regimento Escolar da unidade de ensino, o Comitê Pedagógico deve ser composto, exclusivamente, por especialistas do quadro do magistério estadual, licenciados em Pedagogia.

A esta equipe são delegadas as funções de “[...] acompanhamento e controle semanal da frequência dos alunos, com intuito de prevenir a infrequência e evasão dos mesmos”, conforme art. 28 do referido documento. Além disso, também são atribuídas ao comitê as funções de auxiliar a direção na disciplina dos educandos; analisar e aprovar projetos pedagógicos propostos por professores; empenhar-se em prol do desenvolvimento do aluno; acompanhar o currículo e os demais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, dentre outros.

Considerando a importância da atuação desta equipe, elaboramos um questionário que fora aplicado às duas orientadoras educacionais responsáveis pelo acompanhamento dos alunos do ensino fundamental, a fim de que pudessem ser ouvidas suas percepções acerca da problemática aqui discutida. Dentre os aspectos abordados, procuramos conhecer as principais dificuldades diagnosticadas pela equipe, medidas que são tomadas para prevenir ou solucionar problemas de natureza pedagógica, os principais desafios, e suas sugestões para a melhoria da escola pública.

Através dos questionários obtivemos algumas respostas concisas e diretas, haja vista a pouca disponibilidade e interesse demonstrados por uma das orientadoras. No entanto, este fato não nos impossibilitou de obter uma compreensão mais profunda do problema.

2.4.1 Sob o olhar das orientadoras

Silvana é a orientadora que acompanha as três turmas de 6º ano e uma das turmas da 6ª série. Formou-se em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe e, após sua conclusão, lecionou por apenas um ano. Logo em seguida, ingressou na rede pública de ensino, onde está há 25 anos como membro do Comitê Pedagógico dessa escola.

A orientadora Rosa possui a mesma formação que Silvana, mas sua graduação fora cursada em uma instituição da rede privada, a Faculdade Pio X. Possui cursos lato senso em Orientação Educacional e em Direito Educacional também pela mesma instituição. Durante dez anos atuou em sala de aula e há dezessete está no Comitê Pedagógico desta escola, sendo responsável pela supervisão e orientação de duas turmas de 6ª e duas de 7ª série do ensino fundamental. Em virtude da orientadora responsável pelo acompanhamento das 8ª séries se encontrar em período de licença prêmio, atualmente, Rosa também está responsável por essas turmas.

A partir da análise dos questionários aplicados às duas orientadoras algumas percepções puderam ser apreendidas e são agora alvo de muitas considerações.

Inicialmente, procuramos compreender suas concepções a respeito da instituição escolar, o que nos possibilitou identificar alguns traços comuns em suas falas tais como o entendimento de escola como *“base para a formação de cidadãos mais conscientes”*, cuja função seria de formá-los *“para a vida”*. Estas afirmações nos permitem inferir que suas concepções de escola estão pautadas e condizentes com o ideal de educação defendido por esta unidade de ensino conforme verificamos em seu Projeto Político Pedagógico (2009, p.17) ao afirmar que *“Nossa escola tem por missão assegurar um ensino de qualidade, desenvolver a consciência crítica formando cidadãos capazes de agir na transformação da sociedade”*.

De acordo com Paro (1995, p. 220), a concepção de educação da instituição escolar deve ser pautada no processo de apropriação do saber historicamente produzido, onde o educando deve ser compreendido como *“[...] sujeito da ação educativa e não como mero depositário de conhecimento”*.

Outro elemento comum em suas falas faz referência às atribuições do Comitê Pedagógico. Embora tenham apresentado respostas sucintas, elas confirmam o que está instituído na documentação escolar: *“acompanhamento pedagógico de alunos e professores”*, *“trabalhar junto aos pais e responsáveis, buscando um melhor aproveitamento nas disciplinas trabalhadas, bem como auxiliá-los em problemas sócio-educativos”*.

No entanto, percebemos que elas supervalorizam as atribuições referentes ao acompanhamento dos alunos e, em nenhum momento, fazem menção a suas funções de apoio a professores e à coordenação, tais como definidas no Regimento Escolar: coordenar, juntamente com o Diretor e a coordenação, o processo de planejamento das atividades escolares; definir, juntamente com a Equipe Diretiva e em articulação com o Comitê Comunitário, as diretrizes, prioridades e metas de ação da que deverão orientar a elaboração do Plano Anual da Escola.

Embora estejamos cientes de que elas também desenvolvem essas atividades, devido à dinâmica da escola – que exige uma atenção prioritária aos alunos – elas dedicam praticamente todo o seu tempo ao acompanhamento dos discentes. Sendo assim, muitas de suas outras atribuições acabam sendo submetidas à responsabilidade da equipe diretiva, cabendo às orientadoras apenas a função consultiva e não de planejamento e elaboração como está instituído.

Com relação à forma como é realizado o acompanhamento dos alunos, vários aspectos foram apontados, tais como *“observação dos alunos e dos diários de classe, conversa com os professores, e diálogo com os responsáveis”*, além de uma *“ficha individual que contém todo o histórico do aluno”*.

Ao observar a rotina do comitê pedagógico, verificamos que estas respostas realmente condizem com a realidade. A todo o momento, elas precisam intervir em situações de indisciplina (brigas, discussões entre alunos e entre alunos e professores), ausência da sala de aula e problemas de rendimento dos alunos. Além de acompanharem os discentes, elas também precisam receber pais de alunos que vão à escola para saber sobre a situação de seus filhos – o que ocorre com menos frequência, a não ser no final do ano letivo quando buscam informações referentes às notas –, além disso, recebem pais que são convocados por motivos extraordinários – o que acontece constantemente.

Entretanto, percebemos uma significativa diferença na atuação das duas orientadoras. Enquanto Silvana parece “fechar os olhos” para diversos problemas que acontecem no dia a dia da escola, o compromisso, a preocupação e a dedicação de Rosa para com os discentes acabam por sobrecarregá-la, pois, além de acompanhar os seus alunos ela também soluciona muitos dos problemas que são de responsabilidade de Silvana.

Embora revelado nas respostas da orientadora Silvana sobre a existência de uma ficha individual, a única da qual temos conhecimento refere-se à ficha de matrícula - de uso exclusivo da secretaria escolar - que contém toda a sua documentação (RG, CPF, Comprovante de Residência) e seu histórico escolar, onde constam apenas suas notas e sua

situação de aprovação. Com relação a uma ficha de acompanhamento discente, nada fora encontrado nem relatado pela orientadora Rosa.

No tocante aos principais problemas diagnosticados pelo Comitê Pedagógico, as orientadoras ressaltaram que os fatores que mais lhe causam preocupação dizem respeito à baixa auto-estima dos alunos, fraco embasamento nas matérias, e falta de apoio familiar, sendo este último identificado por elas como o aspecto preponderante.

De acordo com Nogueira, M.; Romanelli, G.; Zago, N. (2000), a família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos, e este não pode ser desconsiderado. Apesar de sua importância, o que percebemos é que a família ainda se encontra bastante ausente da escola e da vida escolar de seus filhos, o que dificulta a busca de soluções para determinados problemas. Sabemos que uma atuação em parceria entre escola e família é fundamental para desempenhar um papel mais efetivo na educação dos jovens, onde família e escola devem trabalhar em sintonia, cada qual se responsabilizando pelos aspectos educativos que lhe são inerentes.

Buscamos verificar também quais as medidas que são tomadas a fim de solucionar ou prevenir estes problemas já diagnosticados, mas especialmente os problemas relativos à reprovação e à baixa frequência à sala de aula. Constatamos em suas respostas, que são realizadas conversas individuais com alunos e em conjunto com os próprios professores, além do diálogo com os pais. Outra medida salientada por Rosa faz menção ao programa Mais-Educação.

O programa, implantado na escola neste ano, é uma iniciativa do Governo Federal que tem como prioridade contribuir para a formação integral de crianças, adolescentes e jovens, articulando diferentes ações, projetos e programas nos estados e municípios, em consonância com o PPP da escola. Para a seleção das turmas que participam do programa foram considerados alguns critérios: alunos que apresentam defasagem idade/série em virtude de dificuldades de ensino e de aprendizagem, alunos de anos onde são detectados índices de evasão e/ou repetência, entre outros.

Através do programa são ministradas aulas de Matemática, Leitura, Dança, Geografia, Leitura, Letramento, Informática e Recreação e os professores recebem kits de materiais de apoio específico para o desenvolvimento de cada disciplina, como por exemplo: ábacos, material dourado, dominós de adição e fração, blocos lógicos, livros, assinaturas de revistas, vídeos, mapas, globos, atlas geográficos, dentre outros. Apesar da existência do programa, desenvolvido em horário oposto ao das aulas regulares, e das outras medidas que são tomadas

pelo comitê pedagógico, elas salientam que ainda não constatarem uma melhoria significativa com relação aos problemas detectados.

As orientadoras também foram questionadas sobre a importância que atribuem a conhecer a realidade e a história de vida dos alunos. Ambas consideraram este aspecto de extrema relevância, no entanto, cada uma apresentou considerações um pouco divergentes. Enquanto que para Rosa o comportamento que o aluno desenvolve na escola “*em algumas vezes*” tem o seu reflexo em problemas e situações vividas por ele “*lá fora*”, para Silvana, este apresenta suas raízes exclusivamente na família, desconsiderando, a influência de fatores escolares em seu comportamento.

Faz-se de suma importância conhecer a realidade na qual estes alunos estão inseridos, tendo em vista que se possibilita ampliar a compreensão dos fatores que influenciam ou determinam o desencadeamento de determinados problemas. Dessa forma, é possível diagnosticar previamente suas causas a fim de que se possa trabalhar na prevenção e solução destes impasses.

As orientadoras ainda apontaram os principais desafios que enfrentam no exercício da função. Deram destaque ao “*Descaso por parte de alguns familiares, falta de educação dos alunos, descaso por parte de alguns professores*” e, à “*falta de incentivo do governo*”.

Por fim, as orientadoras puderam dar sugestões para a melhoria da qualidade do ensino nesta escola. Rosa destacou a necessidade da existência de um melhor acompanhamento familiar, auxílio permanente de um psicólogo e de uma assistente social, cursos de aperfeiçoamento voltados para professores e pedagogos. No entanto, deixando de lado os aspectos pedagógicos, a orientadora Silvana ressalta apenas a necessidade de uma melhor remuneração profissional, “*toda profissão que remunera bem seu profissional tem o retorno em alto nível. Ninguém investe em si intelectualmente se ter o retorno financeiro. Por exemplo: não temos nem alunos nem professores que sejam filhos de político.*”

Esta última narrativa leva-nos a refletir sobre a forma como muitos profissionais encaram a educação e a profissão docente. É notório que esta profissão de professor, a cada dia que passa, está menos valorizada pela sociedade e, conseqüentemente, mal remunerada. No entanto, esta desvalorização também está ocorrendo dentro da própria categoria profissional, que parece não mais acreditar em seu trabalho e muito menos em seus alunos. Por essa razão, visão apenas o retorno financeiro desconsiderando suas reais atribuições, ou seja, proporcionar aos jovens o direito a uma educação igualitária e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o que acontece e, especialmente porque acontece na sala de aula, é responsabilidade de todos aqueles que se encontram envolvidos com a educação e comprometidos com uma prática pedagógica eficiente.

Por esta razão, ao confrontarmos dados concretos com as narrativas dos docentes, membros do comitê pedagógico e, principalmente, dos discentes buscamos compreender como se desenvolve o cotidiano escolar e identificar pistas para sua transformação no sentido de promover com sucesso a aprendizagem escolar dos alunos.

Para isso, este trabalho considerou de fundamental importância os estudos de história oral que, além do conhecimento teórico, nos auxiliou na compreensão da dinâmica que envolve o cotidiano dos sujeitos entrevistados, oportunizado pela análise de suas narrativas. Assim, estes relatos, que versaram sobre fragmentos de suas trajetórias escolares e de vida, nos levaram à compreensão da realidade escolar e nos possibilitaram compreender que os problemas enfrentados no interior da escola não possuem suas raízes apenas dentro do espaço da sala de aula mas, estendem-se para além dela mantendo uma forte relação com o seio familiar dos alunos, seja na relação entre o aluno e sua família, como também na relação família/escola. Por meio das falas dos diversos envolvidos nesse processo foi possível encontrar as respostas para o questionamento norteador de nosso estudo: O que acontece no espaço da sala de aula que leva o aluno a ausentar-se dela?

Assim, pudemos verificar que fatores como a desestruturação familiar, pouco incentivo da família na educação de seus filhos, influência dos amigos e, principalmente, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes de forma descontextualizadas e pouco estimulantes estão influenciando, consideravelmente, o rendimento, o desempenho e a frequência dos alunos à sala de aula.

Por meio dos relatos, pode-se identificar que todos os discentes apresentam problemas familiares, seja pelo divórcio dos pais, problemas de dependência química por parte de um dos genitores ou abandono. Fato também bastante evidente nas falas faz referência à ausência de participação e/ou acompanhamento nas atividades escolares dos filhos, acarretando na falta de estímulo por parte do aluno que não atribui ao processo educativo a importância para o seu desenvolvimento futuro.

Aliado a isso, as ações desenvolvidas em sala de aula pela maioria dos docentes não propõem atividades que envolvam o aluno, garantindo a sua participação nas aulas. Pelo

contrário, estas práticas são percebidas pelos discentes como chatas, desestimulantes e repetitivas, haja vista não manterem nenhuma relação com as realidades e as experiências de vida dos alunos.

Percebemos que a metodologia utilizada ainda se encontra fortemente ligada à utilização de métodos tradicionais, onde são valorizadas apenas as atividades de cópias, exercícios de memorização e assimilação passiva dos conteúdos. Entendendo o discente através de uma concepção bancária onde este é apenas um depósito de informações transmitidas pelo professor.

Assim, em virtude desse conjunto de fatores os discentes ausentam-se constantemente do ambiente da aula para desenvolver outras atividades dentro do espaço escolar que consideram mais interessantes, tais como: conversar com os amigos, paquerar, jogar bola, brincar e ouvir música, por exemplo, conforme revelado na narrativa da aluna Thaís “*A gente fica passeando, sai... e fica comendo... fica conversando com os meninos, aí pára... aí fica tirando foto*”.

Todas as informações obtidas apontam para a necessidade de uma profunda reflexão sobre o papel socializador da escola, a função da família nesse processo e, essencialmente, uma reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores em sala de aula.

Somente assim, passamos a compreender a necessidade de um estreitamento na relação escola/família e de ser repensado o papel da instituição familiar na formação social e escolar dos indivíduos, tendo em vista acreditarmos que o apoio familiar é decisivo, tanto no que diz respeito à relação afetiva, quanto ao acompanhamento da vida escolar dos alunos.

Entretanto, sabemos que ainda existe certo juízo de valor por parte dos docentes que, muitas vezes, caracterizam os pais, tanto como ausentes da escola, quanto alheios à escolarização de seus filhos. Nesse sentido, faz-se necessário ajudar a escola a conhecer melhor as famílias de seus alunos e, a partir daí, construir dinâmicas que favoreçam a inserção das famílias na escola e o sucesso escolar de seus filhos.

Além disso, a sala de aula deve ser um espaço de construção e de troca de conhecimentos, onde se ensina e se aprende. Por essa razão, é preciso que a escola, em parceria com os professores, reflita sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas passando a valorizar a história pessoal de cada indivíduo e buscando adequar os conteúdos a realidade mais próxima de seus alunos, ao invés de atribuir apenas aos discentes os motivos de suas ausências à sala de aula. Faz-se necessário também, que o professor se pergunte como tornar importante e única cada atividade, cada tarefa, para a vida de seu aluno, a fim de não deixar que as práticas escolares se restrinjam a métodos arcaicos e repetitivos, mas, sim, que

envolvam um processo de reconstrução destas visando à construção de conhecimentos mais significativos.

Trabalhar a mudança junto aos professores significa propor que sejam desconstruídos modelos de organização escolar, que sejam repensadas concepções de aluno, concepções de professor, de ensino e de aprendizagem que estão arraigadas. Mobilizar um espaço na escola para a discussão e elaboração de um projeto pedagógico que centre forças na resolução dos problemas localizados no seu interior, bem como, promover atividades que possibilitem um maior envolvimento e participação tanto da comunidade, como, principalmente, da família dos alunos, podem representar alguns caminhos para a superação das dificuldades enfrentadas na escola e para a busca da melhoria do ensino.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. e GARCIA, R.L. (orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ANDRADE, J. M.V de; STAMATTO, M. I.S (Org.). **História ensinada e a escrita da História**. Natal, RN: EDUFRN, 2009.

BERGUER, Miguel André. **Avaliação da aprendizagem**: mecanismo de exclusão ou inclusão do aluno? Desvelando o discurso e a prática no curso de formação de professores. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa (Org.). **Ensinar a ensinar**. Didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2008.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

EZPELETA, Justa. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1989.

FAZENDA, Ivani (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Metodologia da pesquisa educacional**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano Escolar, Formação de Professores (as) e Currículo**. São Paulo. Cortez. 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz- Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FILHO, Mário José, Pe. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. Franca: UNESP – FHDSS, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático–pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Sandra A. B. **A Participação social no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1982.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MIZUKAMI, M.G.N. **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org). **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Xamã, 1995.

PENIN, Sonia. **Cotidiano e escola**: A obra em construção. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SERGIPE. **Regimento Escolar**. Aracaju: SEED, 2009.

SILVA, Ana Cláudia; CAMARGO, Eliane de. A construção do conhecimento moral. In: PASSINI, Elza; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra. **Prática de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 65-93.

SOUTO, Paulo Heimar. **"É como se tivesse a roça e faltasse a enxada"**: formação em serviço de professores de história no interior sergipano. São Cristóvão/ SE, 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ALUNOS

CARACTERIZAÇÃO SOCIAL

- Idade
- Série/ turno
- Onde mora
- Com que mora
- Tem irmãos/ se estudam na mesma escola
- Profissão dos pais
- Possui trabalho ou exerce alguma atividade remunerada
- Os pais alertam sobre a importância do estudo?
- Perspectivas de vida para o futuro

CARACTERIZAÇÃO DA VIDA ESCOLAR

- Com quantos anos entrou na escola
- Estudou a vida toda em escola pública. Se não, onde estudou e por que saiu.
- Por que veio estudar nesta escola
- Há quanto tempo estuda na atual escola
- Já repetiu alguma vez de ano. Em quais disciplinas. Caso afirmativo, quais os motivos que levaram a repetir o ano. Como encara a diferença de idade entre você e seus colegas (vantagens e desvantagens).
- Quais as disciplinas que mais gosta e por quê? Quais dessas frequenta com assiduidade.
- Quais as disciplinas que menos gosta e por quê? Mesmo assim, frequenta com assiduidade?

ASPECTOS GERAIS

- Concepção e função da escola
- Importância dos estudos
- Para que serve a sala de aula
- Relação com os alunos/ professores/ equipe diretiva e pedagógica/ funcionários.

- Por que permanece em algumas aulas e em outras não?
- Nas aulas que frequenta, participa? Expõem idéias, faz atividades?
- O professor incentiva que os alunos participem da aula? Ele tira as dúvidas?
- Qual momento das aulas considerou mais interessante? Por quê?
- Dentre as atividades desenvolvidas pelos professores quais mais gosta? E menos gosta?
- Que tipo de atividade gostaria que os professores fizessem para tornar a aula mais atrativa.
- O que faz quando está fora da sala de aula.

**ANEXO B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DAS DISCIPLINAS
QUE OS ALUNOS MENOS GOSTAM.**

1- Qual a sua formação? _____

2- Em qual instituição fez a sua graduação? _____

3- Qual(is) a(s) série(s) em que leciona: _____

4- Qual (is) a(s) disciplina(s) que leciona: _____

5- Há quanto tempo exerce a profissão? _____

6- Há quanto tempo exerce a profissão em rede pública? _____

7- Como o (a) senhor(a) define a instituição escolar?

8- Em sua opinião, o que é ser professor?

9- O (a) senhor (a) como professor acha importante conhecer a realidade e a história de vida de seus alunos? Por quê?

10- Como é a sua relação com os alunos em sala de aula?

11- Quais são os principais desafios que o (a) senhor (a) enfrenta no exercício da docência em sala de aula?

12- A disciplina que o (a) senhor (a) ministra foi apontada pelos alunos como uma das matérias que os levaram à reprovação. Em sua opinião, quais os motivos que os levam a tal afirmação?

13- A que fatores você atribui à baixa frequência dos alunos a sua aula?

14- Que atitudes você toma com relação aos alunos indisciplinados? Você acha que essas atitudes surtem efeito?

15- Quais são as ações que o(a) senhor(a) realiza para estimular a aprendizagem dos alunos?

16- As ações tem surtido o efeito desejado? Justifique.

17- O(a) senhor acha que há diferenças entre os alunos da rede pública e da rede privada? Isso modifica de alguma forma, a sua maneira de ministrar as aulas? Justifique.

**ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DAS DISCIPLINAS
QUE OS ALUNOS MAIS GOSTAM.**

- 1- Qual a sua formação? _____
- 2- Em qual instituição fez a sua graduação? _____
- 3- Qual(is) a(s) série(s) em que leciona: _____
- 4- Qual (is) a(s) disciplina(s) que leciona: _____
- 5- Há quanto tempo exerce a profissão? _____
- 6- Há quanto tempo exerce a profissão em rede pública? _____
- 7- Como o (a) senhor(a) define a instituição escolar?

- 8- Em sua opinião, o que é ser professor?

- 9- O (a) senhor (a) como professor acha importante conhecer a realidade e a história de vida de seus alunos? Por quê?

- 10- Como é a sua relação com os alunos em sala de aula?

- 11- Quais são os principais desafios que o (a) senhor (a) enfrenta no exercício da docência em sala de aula?

12- A disciplina que o (a) senhor (a) ministra foi apontada pelos alunos como uma das matérias que mais gostam. Em sua opinião, quais os motivos que os levam a tal afirmação?

13- A que fatores você atribui à baixa frequência dos alunos a sua aula, caso exista?

14- Que atitudes você toma com relação aos alunos indisciplinados? Você acha que essas atitudes surtem efeito?

15- Quais são as ações que o(a) senhor(a) realiza para estimular a aprendizagem dos alunos?

16- As ações tem surtido o efeito desejado? Justifique.

17- O(a) senhor acha que há diferenças entre os alunos da rede pública e da rede privada? Isso modifica de alguma forma, a sua maneira de ministrar as aulas? Justifique.

ANEXO D – QUESTIONÁRIO APLICADO AO COMITÊ PEDAGÓGICO

- 1- Qual a sua Formação?_____
- 2- Em qual instituição fez a sua graduação? _____
- 3- Há quanto tempo atua no comitê pedagógico?_____
- 4- Já lecionou? Se sim, por quanto tempo? _____
- 5- Qual(is) a(s) série(s) que acompanha atualmente?_____

- 6- Como o (a) senhor(a) define a instituição escolar?

- 7- Quais são as atribuições do Comitê Pedagógico?

- 8- De que forma é realizado o acompanhamento dos alunos?

- 9- Quais são os principais problemas diagnosticados pelo Comitê Pedagógico na escola?

- 10- Que medidas são tomadas para prevenir ou solucionar problemas de natureza pedagógica, especialmente os relacionados à reprovação e à baixa frequência à sala de aula?

11- Em sua função o (a) senhor(a) considera importante conhecer a realidade e a história de vida dos alunos? Por quê?

12- Quais são os principais desafios que o (a) senhor (a) enfrenta no exercício da sua função?

13- Quais são as sugestões para que haja melhoria na qualidade do ensino nesta Instituição Escolar?

ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS ALUNOS

1º ENTREVISTADO: Carlos (6ª série)

Entrevista ao autor em 15/09/2010

Horário: 07:30

LEGENDA:

E – Entrevistador

N – Narrador

E: como é ... sua mãe, seu pai, mandam você pra escola? Como é que você vê isso?

Você acha que tem estímulo? Pode falar normalmente. Eles mandam você estudar?

N: ter tem né, mas... pra vim pra escola assim é, mandar manda, forçado eu vim por causa da minha mãe. Mas se dependesse de mim...

E: você ficaria fazendo o que em casa?

N: [risos] sei lá! Saía, ficava em casa.

E: Há quanto tempo David você estuda na rede publica? Toda a sua vida foi em rede pública?

N: Toda a minha vida.

E: Por que você sai do Santa Maria, se acorda 5 e pouca da manhã e vem estudar no colégio João Alves?

N: Lá é difícil pra arrumar vaga pra estudar lá e também eu não gosto não de estudar por lá não.

E: Por que você não gosta de estudar lá?

N: E eu não sei, eu já estudei lá.. mas [...] sei lá, alguma coisa assim que não bate bem lá.

E: O que é, a escola é mais feia, as meninas são mais feias?

N: [risos] Tudo lá, é tudo.

E: Mas tem uma coisa que te atrai a vir pro João Alves. Dá ibope, dizer: Olhe eu estudo no João alves

N: é... Como assim... se eu me orgulhasse.

E: ah, sim. Te dá uma alto estima

N: É

E: Você nos disse agora a pouco que você já reprovou né cara, e aí reprovou em que série?

N: reprovei na 5ª

E: 5ª série, e você reprovou porquê? O que fez com que David reprovasse na 5ª série?

N: mau estudo, falta de ponto nas matérias, comportamento também.

E: Comportamento? O que é que tu faz na sala de aula?

N: [risos] perturbo.

E: o que é que você faz ?

N: bolinha de papel, fico conversando

E: mas você joga bolinha de papel em quem?

N: nos guri lá [...] e nas guria.

E: nos guri e nas guria?

N: é

E: E a professora também? Por que você não joga bolinha de papel na cabeça da professora?aquela professora feia que você tem.

N: [risos] eu, levar suspensão no colégio nada.

E: certo, mas você reprovou foi aqui mesmo no colégio João Alves?

N: foi, aqui mesmo.

E: Quais foram as disciplinas que você reprovou?

N: todas

E: Todas? [espanto] Você não passou em nenhuma?

N: se eu não me engano foi só educação física, artes, assim, o resto... matéria Português, Matemática, História, Geografia, tudo!

E: Tudo pau mesmo, qual foi a média assim?

N: Média 2, 3

E: O que é que você sente cara, reprova na escola assim e dizer descaradamente que você teve média 2, 3? E aí? Como é isso aí? Que é que bate na sua cabeça?

N: [risos] nada né?, são coisas da vida.

E: coisas da vida? Então você acha que a sua reprovação foi motivada por que? Por causa da bagunça?

N: Bagunça, estudo, essas coisa assim.

E: Tem alguma disciplina que você gosta?

N: Rapaz... gosta, gostar, mesmo assim... só educação física pra ir pra quadra

E: O que que a aula de Ed. Física faz que você gosta? O que acontece na quadra?

N: Jogo bola lá com as caras, futsal, se dependesse era o dia todo na quadra.

Agora a quadra tá interditada não pode usar aí...

E: e além de Ed. Física tem alguma outra disciplina?

N: nenhuma

E: e a que você menos gosta, que você tem pavor?

N: axo q a que eu mais tenho pavor são todas né? a mais é Geografia e História.

E: Mas porque Geografia e História?

N: Axo que é a professora que não bate, né?

E: Explica pra gente o que é uma professora que não bate? ela não te dá cascudo

N: Uma professora chata, exige muito do aluno, toda hora passa atividade, isso cansa

E: Esses professores não te motivam de nenhuma forma, existe alguma provocação, alguma forma na aula que lhe chama atenção?

N: Não.

E: Absolutamente nada

N: Nada

E: Você me disse que fica muito tempo fora da sala de aula. O que é que você faz fora da sala de aula, dentro do colégio?

N: Fico conversando com os colegas, saí pra passear as vezes aí?

E: Passear? passear fora da escola

N: Às vezes

E: E pode fazer isso?

N: Poder não pode, mas...

E: E como é que você faz isso.

N: A gente pula, pula pela garagem... o portão é aberto

E: E você volta?

N: Às vezes, tem vezes que a gente volta, tem vezes que a gente fica por aí.

E: E o que você faz lá fora?

N: Tá, a gente fica por aí, vai pra alguma lanchonete, vai pro shopping passear.

E: De manhã? Mas o shopping só abre 10.

N: A gente sai daqui umas 10, umas 9 e meia e vai.

E: Você falava de sair, mas a escola oferece lanche, oferece? E você merenda na escola?

N: Não.

E: Por quê?

N: Porque não gosto, às vezes, não confio muito não.

E: Você acha o que da merenda? Você não gosta do que é oferecido?

N: Tá! Não gosto!

E: O que é que poderia ser oferecido que você gostaria, por exemplo?

N: [risos]

E: Ou você não gosta de comer?

N: [risos] quem é esse que não gosta? Todos gosta né?... oferecesse as coisas que a gente compra na cantina, salgadinhos, refrigerante.

E: o que você acha pra que a escola serve?

N: Serve... [risos] serve pra estudar né?, mas nem todos os alunos vem pra estudar, vem mais pra gazear, ficar nos corredores conversando.

E: E aí como é a sua relação com os seus colegas?

N: Com os meus colegas são boas.

E: Como é a tua relação com eles?

N: Perturba, sai por aí, é amizade

E: Você só tem colega que perturba é cara?

N: É [risos] a maioria é...

E: Não tem nenhum assim que estude, que você converse outras coisas?

N: Agora uns tão começando a estudar né? Pra ver se passa de ano.

E: Você tá começando a estudar agora? No mês de setembro?

N: Agora.

E: E como é a sua relação com os professores?

N: Ruim.

E: O que é uma relação ruim?

N: Péssima, eu não gosto, eles também não gostam de mim, e assim vai.

E: Mas porque você acha que os professores não gostam de você?

N: Por causa do meu comportamento.

E: E com relação a coordenação, aos funcionários da escola, como é a sua relação?

N: Algumas são boas, mas tem outros também que são péssimas.

E: Você pode dizer quem são bons?

N: Priscila.

E: Priscila é uma relação boa, porque?

N: Ela não é que nem as outras que exige, fica no seu pé grudado, que você tem que estudar, isso e aquilo... e as outras fica

assim, colada.. a diretora. As funcionárias, tem algumas que são boas, Virgínia, Tânia que abre o portão pra eu sair cedo [risos]

E: Eu queria que você falasse um pouco como é que são as suas aulas? Você fala que gosta da aula de educação física mas, poderia falar, por exemplo, das outras aulas? O que é que acontece na sala de aula? Como as aulas são ministradas? O que é que os professores fazem?

N: Chega, copia.

E: Fazem chamada?

N: Faz chamada, aí senta no birô, aí vai... copia, manda fazer atividade, conversa, explica assunto.

E: E tem livro didático?

N: Tem.

E: e o que mais os professores fazem além disso?

N: Às vezes fazem uma aula diferente.

E: E o que é uma aula diferente pra você?

N: Ciências mesmo, a professora passou trabalho pra gente trazer alguns insetos, pra gente dialogar aqui, explicar o meio ambiente de cada, essas coisas assim.

E: e você acha que isso é legal?

N: por uma parte é.

E: Qual é a parte que é legal?

N: é.. [risos] os pontos.

E: Mas pra ter ponto na matéria é preciso fazer o trabalho, e você faz os trabalhos?

N:[risos] alguns eu faço.

E: E quais são os trabalhos que você faz?

N: Educação Física, Ciências, História.

E: Mas você disse que não gosta da matéria.

N: As matérias eu gosto, mas as matérias que eu não gosto são as que eu to precisando de mais ponto pra passar.

E: E as que você menos gosta, que você tem pavor?

N: Pavor, pavor mesmo... rapaz... a professora de geografia, ela é ruim, é péssima, eu acho ela muito mandona, autoritária demais.

E: E o que é que ela faz que parece tão autoritária.

N: Parece padre querendo explicar como é que tem que ser a pessoa, isso e aquilo, dando lição de moral.

E: Mas você não acha que é papel do professor?

N: É mais eu não gosto.

E: E em casa, você toma lição de moral de sua mãe e de seu padastro?

N: Da minha mãe sim, mas meu padastro... eu não falo com ele não.

E: Você vive com um cara que você não fala com ele? por que você não fala com ele?

N: Eu... eu nem queria que ela se juntasse a ele.

E: Quais as suas sugestões para que a escola possa melhorar?

N: Melhorasse na estrutura do colégio, pintura... tão pintando já tá tudo bagunçado.

E: mas quem que bagunça?

N: Os próprios alunos

E: E aí o que é que faz?

N: Melhorasse, os professores também tivesse mais um [pausa] vamos dizer assim, que não fosse muito chato assim, melhorasse nas aulas, a coordenação também não fosse muito exigente. Ano passado a outra diretora não era linha dura, mas essa que entrou agora é mais exigente. A outra a gente gazeava aula e ela deixava, essa fica: minino vá pra sala, vá pra sala, vá pra sala, oxe!.

E: O que é que você espera da vida? O que é que você quer ser da vida?

N: Coisas boas [risos], ter uma família

E: você quer casar?

N: depende. [risos] ter um estudo, trabalhar

E: e aí como é que fica isso se você me disse que fica shopping

N: [risos] aí eu já não sei como é que vai ser essa parte aí né? Trabalhar eu posso até arrumar trabalho, agora estudo assim..

E: Você acha que a escola pode melhorar sua vida?

N: Pode.[pausa] se eu me dedicasse mais aos estudos, me comportasse mais, tivesse boas notas.

E: E você pretende melhorar sua vida?

N: Não, se depender de mim não

E: Por que não?

N: Eu...

E: Como é que é a sua vida em casa, como é que foi a sua infância?

N: Eu morei com meus avós. Minha mãe logo quando eu nasci ela me deixou com minha avó.

E: Por que?

N: Por que não tinha condições.

E: E você morou com seus avós onde?

N: Lá no Santa Maria mesmo, até uns 6 anos ou 7.

E: E você gostava de morar com seus avós?

N: Sim.

E: Quando e porque você passou a morar com sua mãe?

N: Quando ela voltou, me pegou pra morar com ela.

E: E aí ela tava casada com seu padastro:

N: Ainda não, ela tava sozinha. Eu era só eu e minha mãe, meus irmão cada um ficou com seus pais. São seis, 3 de um e 3 de outro

E: E aí o que aconteceu depois

N: Um dia quando eu cheguei a noite em casa ela tava com esse rapaz, eu disse que não queria, ela falou que ia tentar, e até hoje...

E: Ela tá a quanto tempo com esse rapaz?

N: Parece que é 3 ou é 4 anos.

E: Mas e você não queria por que? O que foi que você viu no rapaz que te incomodou tanto?

N: Ele é ignorante.

E: com você?

N: Não. Com minha mãe.

E: que tipo de ignorância.

N: Agressão física não, verbais, xinga

E: Ele trabalha, bota dinheiro em casa?

N: Às vezes.

E: Como é essa coisa de morar com uma pessoa e não falar com ele?

N: Normal.

E: Ele fala com você?

N: Às vezes fala né? Mas eu não ligo não.

E: isso te incomoda muito.

N: incomoda. Final de semana quando ele tá em casa eu não fico em casa. Eu prefiro sair do que ficar em casa. Vou pra casa dos outros, pra casa de minha tia de meu tio, em casa eu não fico.

E: sua mãe conversa com você?

N: conversa.

E: ela procura saber da escola?

N: ela veio aqui ontem, procura saber como é que tá.

E: Ele estuda com você? Te ajuda

N: não.

E: E esse trabalho comunitário que você faz?

N: lá todo mundo pega no pé

E: e isso muda alguma coisa na sua vida?

O seu comportamento na escola?

N: não

E: por que não?

N: [risos]

E: não tem jeito.

N: [risos] tem não.

E: Eu queria que você falasse um pouco como é a sua vida, o seu dia a dia. Você

disse que de manhã estuda, a tarde trabalha e a noite sai, e aí?

N: Estudo, a tarde trabalho e a noite eu saio.

E: Toda noite você sai?

N: Às vezes, às vezes que eu to muito cansado, tomo banho e durmo.

E: você sai e vai pra onde?

N: Pro mundo, pra lan house, videogame.

E: e final de semana você faz o quê?

N: Às vezes eu vou pra casa de meu tio, ele tem uma oficina mecânica, às vezes eu ajudo ele lá, ele me dá um trocadinho. Às vezes eu vou fico só à tarde, às vezes eu fico o dia todo. Final de semana é assim.

E: e lance de jogar bola, namorada, praia, como é que é isso?

N: praia, de vez em quando a gente lá com os colegas, a gente se ajunta e vai. Joga bola é quase todo dia no campo.

E: Mas como? Se você trabalha à tarde?

N: Eu chego lá 5:30, 6 horas. Às vezes a gente joga na rua mesmo, monta uma quadrazinha e joga, às vezes é no campo, no sábado, à tarde, no domingo.

E: você falou que o pessoal da igreja pega no pé. O que é que eles fazem com você que você acha que eles pegam no pé.

N: desde pequeno eu vivo lá, praticamente fui criado lá, desde 1 ou 2 anos. Foi com 2 que eu comecei a entrar na comunidade de lá... Querem me ajudar a subir na vida, todo mundo lá pega no pé. Manda eu ir pra

escola, quer ver as notas, manda eu estudar, fazer reforço.

E: lá tem reforço?

N: Tem. Mas como lá eu trabalho eu não tenho tempo, mas se eu tiver precisando lá eu tenho.

E: você lembra das escolas que você estudou?

N: De algumas. A primeira era numa creche lá no santa Maria. Minha vó trabalhava na creche, aí quando ela ia de manhã 6horas eu ia mais ela, só voltava 5 da tarde. Era uma creche e um colégio (Irene Romão de Brito).

E: Isso foi até quantos anos?

N: Não lembro.

E: Depois da creche você foi pra onde?

N: Pra escola ao lado da creche e aí depois eu fui pra outro colégio lá, eu já tava com a minha mãe.

E: Você lembra quando você foi estudar lá?

N: Eu sei que eu tava na 2ª, foi na 2ª meu Deus? Foi na 2ª ou na 1ª, foi quando minha mãe me pegou pra morar com ela aí eu recomecei tudo de novo. Fui pro pré...

E: Por que você recomeçou tudo de novo?

N: aí eu não sei! Quando minha mãe me pegou pra morar com ela, aí quando eu voltei pro colégio comecei tudo de novo, eu voltei, aí fui pra outro colégio, o André Mesquita e estudei até a 4ª série lá e na 5ª eu já vim pra cá.

E: Quando sua mãe te pegou você gostou da idéia de morar com sua mãe ou você preferiria morar com sua vó?

N: [risos] preferir, eu preferia morar com meus avós, mas...

E: Por quê?

N: Meus avós são gente boa, minha mãe às vezes tem um lado agressivo, às vezes quer bater.

Entrevista ao autor em 17/09

Horário: 09:00 hs

Aluno: Lara (6º ano)

E: Sua família lhe incentiva nos estudos? O que é que eles falam pra você?

N: Fala pra eu estudar, diz que quem não estuda vira vagabunda e também pede esmola.

E: ela cobra, vem sempre aqui na escola pra saber como você tá?

N: ela vinha. Todo mundo conhece ela.

E: ela cobra suas notas? Pede seu boletim?

N: pede, pede.

E: ela ajuda nos deveres de casa?

N: ajuda.

E: você pede ajuda a ela?

N: peço. Ela é quem manda eu fazer os deveres.

E: Me conte um pouquinho sobre a sua vida escolar. Qual foi sua 1ª escola?

N: Santa Terezinha.

E: Qual o bairro?

N: suissa.

E: como era o seu relacionamento lá na outra escola? Teve problemas ou era legal?

N: era legal.

E: você assistia todas as aulas?

N: assistia

E: e aí, por que você veio para este colégio?

N: Por que lá só era até a 4ª série.

E: mas você veio pra cá por quê? Era perto de sua casa? Tinha outras opções?

N: Tinha outras opções mas, eu vim pra cá porque minha irmã falava que aqui era bom.

E: você reprovou alguma vez?

N: nunca reprovei

E: qual a disciplina que você mais gosta?

N: matemática, português... história.

E: Você sempre frequenta essas disciplinas.

N: sim

E: você não gazeia nenhuma dessas aulas?

N: [risos]

E: e quais as disciplinas que você menos gosta?

N: geografia e ciências. Geografia nem tanto, mas ciências...

E: Mas por que você não gosta de ciências?

N: Por que a professora só manda ler

E: e você acha que ela devia fazer o quê?

N: passar atividade.

E: e o que é que lhe chama mais atenção nas outras disciplinas?

N: matemática, eu gosto por que a professora passa muita conta. Português porque a professora faz um monte de coisa e História porque eu gosto mesmo.

E: eu queria que você contasse pra mim um pouco sobre a sua vida, desde pequeninha. Você morou com seus pais por quanto tempo?

N: 8 ou 9. Depois eu fui morar só com minha mãe, até uns 11 anos. Aí depois eu

fui pra casa de minha tia porque ela ficava muito sozinha a tarde. Quando a empregada saia ela ficava sozinha, aí eu ia pra lá ficar com ela

E: E sua irmã tá com quem?

N: tá lá também. Com minha tia.

E: agora me fale um pouquinho sobre a escola. Pra quê que você acha que serve a escola?

N: escola pra mim [...]

E: é lugar de quê?

N: de estudar!

E: e serve pra quê?

N: pra não ser vagabundo, ser alguém na vida.

E: e o que é que você pretende fazer da sua vida, o que é que você pensa para o seu futuro?

N: me formar, e ser engenharia química.

E: mas, pra se formar é preciso estudar, tem que está na sala de aula, prestando atenção. E aí? Você faz tudo isso?

N: [risos] um pouco.

E: o que é um pouco? Me conte, o que é que você faz na sala de aula? Como é a sua relação com os professores?

N: com os professores é normal. Ah! Eu também odeio a professora de redação.

E: odeia?

N: odeio. A professora nova, porque ela é chata.

E: o que é ser chata pra você?

N: ignorante. Um dia ela tava nasala aí eu cheguei chupando picolé aí ela disse: saia

da sala! Aí eu falei: professora já tá acabando. Aí ela: saia da sala! Aí eu saí! Ôxe..eu não fiz nada.

E: e com resto dos colegas como é? Ela é tranqüila?

N: mesma coisa, ignorante do mesmo jeito! Acho que ela mandou metade da sala embora.

E: Me conte um pouco do que você faz na sala de aula.

N: fico sentada jogando baralho, fico conversando

E: jogando baralho! Na hora da aula?

N: um rum.

E: e a sua relação com os colegas na sala de aula?

N: normal [risos]

E: tudo é tranquilo?

N: de vez em quando.

E: como de vez em quando? O que é que acontece?

N: às vezes eu brigo, bato... [risos]

E: e bate por quê?

N: por que ficam mexendo com a minha família e eu não gosto

E: mechem com sua família como?

N: me chamam de filha da p., é... vagabunda

E: e é do nada, não tem motivo ou você faz alguma coisa

N: Não. Eu chamo ela de pai véiu, como todo mundo chama.

E: e como é a sua relação com o restante da escola, com a direção, com os

funcionários e com os pedagogos? Você toma muito puxão de orelha dos pedagogos? Já chamaram sua atenção?

N: um rum! Muitas vezes

E: por quê você toma tanto puxão de orelha deles?

N: [tímida]

E: e as aulas que você não frequenta? O que é que você faz fora da sala de aula

N: e as aulas que você não fica na sala de aula? Por que que você fica em algumas aulas e em outras não?

N: por que umas são chatas e outras não são.

E: o que é ser chata pra você?

N: o professor repete a mesma coisa todo dia.

E: e você teria alguma sugestão para que as aulas melhorassem? O que é que você acha que os professores poderiam fazer de diferente que chamaria mais a atenção dos alunos?

N: deveria dar castigo aos alunos. Eu penso assim.

E: e você acha que isso resolve? Se eles na dão castigo eles fazem o que?

N: nada. Se agente gazeasse e eles falassem pra diretora...

E: mas e nas aulas, você acha que tá bom ou você queria que melhorasse alguma coisa?

N: melhorasse. As professoras deixam os alunos copiarem o que tá no quadro e aí fica todo mundo em pé.

E: para finalizar, você acha que a escola pode melhorar a sua vida?

N: sim, porque se eu estudar eu posso ter um futuro melhor.

N: Por que às vezes eu tava brigando, às vezes eu tava gazeando... gazeando não! Fora da sala, né? por que às vezes os professores num vai aí a gente fica brincando. Aí quando os professores entram atrasado aí a gente não sabe, quando vai entrar não pode mais.

E: e seus responsáveis ficaram sabendo, o que foi que eles falaram pra você?

N: minha tia me botou de castigo.

E: e resolveu?

N: um pouco. [risos]

E: você mudou de atitude depois?

N: da última sim. Por quê eu ia viajar e não viajei

E: mas, e você? Quer entrar na sala de aula?

N: de vez em quando eu quero. De vez em quando não

E: e esse de vez em quando é por quê?

N: por que às vezes os professores são chatos.

E: falando nesse assunto de que os professores são chatos, me descreve um pouquinho essas aulas que você acha que são chatas. O que é que eles fazem na sala que você acha que é chato.

N: tem uma professora [pausa] que ela... só gosta de conversar. Na verdade a professora de ciências ela é boa, mas às

vezes... eu acho que ela nunca escreveu uma atividade no quadro. Sempre é no livro.

E: não tem nada diferente, criativo?

N: é. Isso mesmo.

E: quais as atividades diferentes que os professores fizeram que você achou mais legal? Quais as atividades que você mais gosta?

N: matemática, os trabalhos.

E: trabalho de que tipo? Dê um exemplo de algum trabalho que você fez que você gostou

N: explicar sobre a pedofilia

3º ENTREVISTADO: Gustavo (7ª série)

Entrevista ao autor em 21/09/2010

Horário: 11:00 hs

E: me fale um pouco sobre a sua família, há incentivo para os estudos? O que é que eles falam?

N: é né?!minha mãe fala que eu tenho que vir pra escolar, estudar, que eu tenho que obedecer os mais velhos

E: eles vêm aqui na escola saber como você tá?

N: só a minha mãe

E: ela olha suas notas?

N: não

E: e nas atividades de casa, sua mãe lhe ajuda?

N: não. Eu não faço dever em casa, faço na banca

E: mas na banca você faz todos os deveres?

N: sim.

E: há quanto tempo você estuda na rede pública?

N: 3 anos

E: me conte um pouco como foi nas outras escolas em que você estudou? Qual foi a 1ª escola onde você estudou?

N: Juscelino Kubitscheck

E: e depois, por que você saiu do Juscelino?

N: hum... por quê minha mãe quis porque ficava longe da minha casa.

E: e depois que você saiu de lá você foi pra onde?

N: fui pro... colégio Leite Neto

E: quanto tempo você ficou no Leite Neto?

N: 3 anos

E: e saiu de lá por quê?

N: porque minha mãe quis me mudar de escola.

E: e qual o motivo para ela querer lhe mudar de escola?

N: [...] por causa do meu comportamento

E: como assim? O que foi que aconteceu?

N: o meu comportamento agressivo na escola ... com os professores.

E: agressivo como? agressão física, agressão verbal?

N: verbal

E: então você me disse que a sua relação com os professores não era muito boa. E com os alunos como era?

N: bem ruim.

E: bem ruim? De que forma? Você era agressivo com os alunos? Ou os alunos eram agressivos com você?

N: Os dois.

E: e aí você veio aqui pro João Alves quando?

N: [...] não lembro não!

E: você já reprovou alguma vez?

N: já.

E: quantas vezes?

N: duas

E: em que série?

N: na sexta.

E: a que fatores você atribui a sua reprovação? O que foi que aconteceu?

N: gazeava muito as aulas.

E: quais as disciplinas em que você reprovou?

N: matemática... história e geografia.

E: nos dois anos? Nas mesmas disciplinas?

N: É.

E: Você me disse que acredita que o motivo pra você ter reprovado é porque você gazeia muita aula. Mas por que você gazeia tanto as aulas? O que é que acontece na sala de aula que faz com que você não queira ficar na sala de aula, o que é que tem lá fora que é mais interessante?

N: os meus amigos me chamam pra sair da sala.

E: e você fica fazendo o que lá fora.

N: [...] sentado por aí conversando, perturbando os outros.

E: quem são os outros? Os colegas e os professores?

N: os dois. Os colegas e os professores.

E: mas na sua opinião, as aulas são chatas e é por isso que você não quer ficar ou é por causa dos seus amigos lá fora?

N: por causa dos amigos.

E: então pra você as aulas são boas?

N: é

E: você gosta de estudar?

N: mais ou menos.

E: estuda em casa?

N: sim.

E: mas não gosta de estudar quando tá na escola?

N: gooosto.

E: quais as disciplinas que você mais gosta?

N: educação física.

E: por quê? O que é que tem na aula que lhe chama tanto a atenção?

N: os esportes.

E: quais os esportes que você mais gosta?

N: futsal, vôlei e... basquete.

E: e as disciplinas que você menos gosta?

N: matemática.

E: por quê?

N: por que tem muito cálculo

E: e como é que a professora ministra essas aulas? O que é que a professora faz que você não gosta? Como é a aula dela?

N: a aula de matemática é... boa, boa.

E: você pode me descrever como é que acontece a aula?

N: a professora chega...fica conversando com os alunos...faz a chamada e vai copiar no quadro.

E: você acha interessante essa estratégia de copiar no quadro?

N: não.

E: você teria alguma sugestão de alguma coisa que a professora poderia fazer para tornar aula mais atraente, que vocês se interessassem mais?

N: não.

E: explique mais um pouquinho como é a sua relação com a direção, elas chamam

muito a sua atenção, as pedagogas, o que acontece?

N: [...] me chamam a atenção

E: mas chamam a sua atenção normalmente por causa da sua indisciplina não é?

N:é.

E: quais foram as atitudes que a direção já tomou a esse respeito? Com relação a indisciplina? Já tomou suspensão, advertência.

N: já. Os dois.

E: seus pais foram chamados aqui na escola?

N: [pausa] muitas vezes.

E: qual foi a atitude de seus pais com relação a isso? O que eles fizeram quando souberam o que você estava fazendo.

N: brigaram comigo

E: e resolveu?

N: não

E: não resolveu por quê?

N: [pausa] porque eu não escutei nada.

E: o que é que passa na sua cabeça? Por que você acha que agindo dessa forma você vai conseguir alguma coisa, sendo agressivo, fazendo brincadeiras maldosas?

N: [pausa] nada.

E: e você não pretende melhorar e tentar mudar um pouco esse seu jeito de ser

N: sim

E: e você acha que tá faltando o que pra você poder melhorar?

N: [pausa] me comportar na sala.

E: mas você acha que falta incentivo por parte de alguém ou tem que partir de você?

N: tem que partir de mim.

E: eu queria que você me desse algumas sugestões sobre o que você acha que a escola poderia fazer para que a escola fosse melhor, para que as aulas fossem melhores e vocês pudessem se motivar mais?

N: colocar dois professores.

E: você acha que um professor só não dá conta da sala?

N: é.

E: eu queria que você falasse um pouquinho sobre a sua infância. Com quem você morou, se você sempre morou com sua mãe e com seus avós?

N: sim. Sempre morei com a minha mãe

E: e seu pai? Se separou dela quando?

N: não sei.

E: você conhece seu pai?

N: conheço.

E: fala com ele sempre?

N: sim.

E: você preferia que eles estivessem juntos?

N: sim.

E: hoje em dia ela tá com alguém?

N: não.

E: você acha que se eles morassem juntos poderia melhorar a sua vida?

N: poderia

E: Você acha que isso influenciaria no seu comportamento na escola?

N:[pausa] sim.

E: melhoraria?

N: sim.

E: mesmo separados, seu pai procura saber como você está na escola?

N: não.

E: então você tem pouco contato com ele?

N: é.

4º ENTREVISTADO: Luis (8ª série)

Entrevista ao autor em 21/09/2010

Horário: 11:35 hs

E: queria que você me contasse um pouco sobre a sua família, se eles lhe estimula nos estudos, se eles falam, se eles lhe incentivam a estudar, como é essa relação em casa?

N: tranquilo, minha mãe manda eu estudar... estudar direto.

E: ela cobra os seus deveres, ela lhe ajuda nos exercícios?

N: é.

E: eles vêm aqui na escola saber como você tá?

N: de vez em quando.

E: e aí quando você tira alguma nota baixa, qual é atitude de seus pais?

N: deixa eu sem sair.

E: você estuda a quanto tempo na rede pública? Sempre estudou na rede pública?

N: toda a vida

E: me conte um pouco como foi a sua vida escolar? qual foi a primeira escola em que você estudou?

N: rapaz... não lembro não.

E: qual foi o estado onde você estava?

N: no Mato Grosso.

E: e quais as escolas em que você lembra que estudou?

N: rapaz...no Pimenta lá em São Paulo

E: há quantos anos?

N: foi a uns 3 anos atrás.

E: e você saiu de lá por quê?

N: por causa que meu padrasto foi transferido pra cá.

E: sua relação lá na escola era boa? Era tranqüila?

N: tranqüila.

E: você sempre gostou muito de estudar?

N: não [risos]

E: nunca gostou de estudar?!

N: nunca [risos]

E: e aí, quando vocês vieram para Aracaju você já veio direto para esta escola?

N: é, como eu cheguei nas férias.. aí quando acabou as férias eu já comecei na escola também.

E: e durante toda sua trajetória escolar, você já reprovou alguma vez?

N: duas vezes

E: quais séries você reprovou?

N: 5ª e na 6ª .

E: em quais disciplinas?

N: rapaz...na 5ª série eu reprovei em história, geografia, matemática e português.

E: e na 6ª série?

N: 6ª série foi história e geografia.

E: quais foram os motivos que lhe levaram a reprovar.

N: a separação do meu pai e da minha mãe.

E: a separação lhe abalou muito?

N: demais... eu não queria estudar.

E: logo depois da separação de seus pais, sua mãe conheceu o seu padrasto ou demorou mais um pouco?

N: não. Demorou um pouquinho. Demorou um ano mais ou menos... aí eu comecei a entender que não tinha nada a ver com os estudos aí eu comecei a estudar de novo... aí passei, aí no ano seguinte reprovei de novo.

E: e essa segunda reprovação, você acha que ocorreu por que já que você já tinha superado a separação de seus pais?

N: bagunça... em sala de aula.

E: gazeava muita aula?

N: gazear até que não gazeava não, mas era muita bagunça mesmo.

E: aqui na escola quais são as disciplinas que você mais gosta?

N: eu? Educação física.

E: por quê?

N: por que fica fora da sala de aula.

E: mas o que é que você gosta de fazer na aula de educação física?

N: jogar bola.

E: e as disciplinas que você menos gosta?

N: menos gosta? Matemática.

E: por quê?

N: por que... exige muito

E: o que é exigir muito de você?

N: ah.. pensar demais

E: então você me disse que a aula de matemática exige muito de você. Eu queria que você me descrevesse um pouquinho como são essas aulas? Você acha que elas são interessantes?

N: [pausa] pouco.

E: o que é que a professora faz na sala de aula que você não acha que é interessante?

N: [pausa] ficar fazendo conta.

E: mas só na aula de matemática? E o resto das aulas são boas?

N: É, menos português porque ele só copia no quadro, essas coisas.

E: você acha que o professor poderia fazer o que para que as aulas fosse mais interessante?

N: [pausa] fazer uma aula diferente assim, assistir um filme.

E: você acha que isso incentivaria mais os alunos a estudar?

N: incentivaria... fazer um filme, aí fazer um relatório depois.

E: mas então essas aulas aqui você gazeia?

N: quase todas.

E: e o que é que você faz tanto fora da sala de aula? Me descreva um pouco.

N: fico conversando com os colegas, dando uma volta no colégio.

E: dando uma volta no colégio... paquerando as meninas?

N: isso.

E: perturbando os professores não?

N: não. Perturbando os professores até que não, é mais com os alunos mesmos.

E: e na sala de aula? você perturba também ou fica mais comportado?

N: não... na sala de aula eu fico quieto, às vezes converso um pouco, aí a professora manda eu sair

E: eu queria que você me dissesse, na sua opinião, o que é a escola? Para que a escola serve?

N: [pausa] rapaz... para mim a escola serve para tirar as pessoas da rua... e também pra ter um bom ensino, um futuro melhor.

E: e o que é que você pensa para o seu futuro?

N: eu queria ser jogador de futebol, mas não tem como né?

E: não tem como por quê?

N: porque não tem futuro pra mim.

E: mas jogador de futebol também tem que estudar.

N: aí a gente começava a estudar, mas não tem futuro.

E: quer dizer que se tivesse futuro como jogador de futebol você começava a estudar?

N: oxe, não!

E: como não tem...

N: aí acabou um pouco a vontade de estudar.

E: sua relação aqui na escola com os alunos e professores é uma relação boa? Tranquila?

N: é, tranquila.

E: e sua relação com a equipe diretiva, os funcionários, as pedagogas, como é? puxam muito a sua orelha? Chamam muito a sua atenção.

N: ah.. de vez em quando as pedagogas dão uns conselhos pra mim mas...

E: conselho de que tipo?

N: falam pra mim ir pra sala, pra mim ser um bom aluno.

E: e aí, resolve esses conselhos?

N: de vez em quando resolve.

E: dentre as atividades que os professores realizam em sala de aula, teve alguma que você mais gostou, que chamou sua atenção?

N: cara...teve... a do professor de educação física.

E: dê um exemplo de alguma coisa que ele tenha feito.

N: fazer exercício físico.

E: e das atividades que o professor faz na sala que você não suporta, que você acha que é mais chato?

N: ficar passando atividade no quadro, ficar escrevendo muito.

E: você tem alguma sugestão para que essas aulas pudessem ser melhores?

N: rapaz... passar um filme, alguma coisa assim valendo nota depois.

E: você acredita que a escola pode melhorar a sua vida?

N: acredito.

E: de que forma você acredita que ela poderia melhorar a sua vida?

N: [pausa] só de tirar as pessoas da rua já é uma coisa diferente já.

E: mas aí também precisa da colaboração de quem tá na escola querer estudar pra poder melhorar a vida.

N: isso. Mais pra frente.

E: e até lá você fica como? Sem estudar

N: [pausa] é... tá! É o jeito.

E: eu queria que você me contasse um pouquinho da sua infância. Como era a sua vida com seus pais mesmos, como foi a separação, como você se sentiu, e como foi que isso mexeu com a sua vida, principalmente na escola?

N: rapaz... desde quando eu era pequeno... meu pai era alcoólatra né? Aí ele batia na minha mãe... aí mexeu muito comigo.

E: ele batia em você também?

N: não. Em mim não chegou a bater não, era mais em minha mãe.

E: suas irmãs são mais novas ou mais velhas?

N: são mais novas.

E: e ele chegou a fazer alguma coisa com elas não?

N: não.

E: então você me disse que seu pai batia em sua mãe, foi por isso que ela quis se separar?

N: isso, ela resolveu se separar aí.. ela foi morar no interior.

E: mas mesmo seu pai tendo esse problema de alcoolismo você mantém uma relação boa com ele? Fala com ele hoje?

N: falo, direto. E ele ainda ajuda a gente financeiramente.

E: e quando sua mãe resolveu se separar dele, de que forma isso lhe abalou?

N: abalou na rua também.

E: por quê?

N: por que às vezes os meninos faziam brincadeira comigo aí eu não gostava aí eu ia bater.

E: então você já teve problemas de agressão com os colegas?

N: já.

E: então você demorou um pouquinho pra poder assimilar a idéia e ir aceitando né?

N: isso.

E: e quando sua mãe arranhou um novo namorado, que é o seu padrasto, você aceitou bem?

N: no começo não.

E: e qual era a sua reação?

N: rapaz... quando eu via ele eu xingava ele, tacava pedra no carro dele... hoje ainda a gente não se dá tão bem não.

E: mas eu vejo que ele é uma pessoa bastante preocupada com os seus estudos, que ele pega no seu pé, como é que você isso? Você acha que ele faz isso por que gosta de você?

N: eu acho que não. Ele faz isso pra ver os outros sofrer!

E: por quê?

N: por que eu acho que ele não gosta de mim.

E: e a relação dele com seu pai, como é que ele vê isso? Como é que vocês administram isso? Ele fala com seu pai?

N: ele não fala com meu pai não.

E: mas você acha que essa situação afeta a sua maneira de ser.

N: afeta, esse jeito do meu padrasto sim.

E: então você acha que isso contribui para a forma como você age na escola hoje em dia?

N: isso.

E: você acha que a forma como você age hoje vai lhe levar pra um futuro bom?

N: não.

E: e você pretende mudar isso?

N: pretendo.

E: pretende mudar quando.

N: em breve [risos]

E: e de que forma você pretende mudar isso?

N: assistindo as aulas agora.

5º ENTREVISTADO: Thaís (7ª série)

Entrevista ao autor em 22/09/2010

Horário: 08:30

E: Me conte um pouco como é a sua relação com sua família em relação aos estudos. A sua família lhe estimula a estudar?

N: fala pra mim tá estudando... que não é pra mim tá vagabundando.. não é pra mim tá saindo pra vários lugares. Eu fico às vezes mais em casa... não tô saindo muito porque eu to estudando.

E: e eles lhe acompanham aqui na escola, vem na escola saber como é que tá as suas notas?

N: meu pai, ele vem de vez em quando aqui saber como é que tá as minhas notas e minha mãe é que não pode vir muito por causa que ela tem muito serviço em casa e ainda tem que cuidar de meu irmão. Aí meu pai vem às vezes aqui olhar as minhas notas, vem olhar se eu tô na sala.

E: e em casa, você tem alguma ajuda, seus pais lhe ajudam a estudar, tirar suas dúvidas, sua mãe estuda junto com você.

N: minha mãe pergunta direto seu eu to precisando de alguma ajuda, meu padrasto mesmo ele pergunta se eu to precisando de ajuda porque ele é bom em matemática aí ele sempre me pergunta se eu preciso de ajuda pra fazer os exercícios de matemática.

E: você sempre estudou em escola pública?

N: não. Eu comecei a estudar no ano passado.

E: e quais foram as escolas onde você estudou?

N: quando a gente morava no Augusto Franco eu estudei num colégio adventista... aí depois a gente teve que mudar pro Orlando Dantas aí eu estudei no Colégio São Rafael durante dois anos, aí depois eu me mudei pro Médici e estudei no Colégio Vetor durante 2 anos também.

E: como era a sua relação nessas escolas, você costumava gazejar aula, não assistia muito as aulas?

N: não..lá eu não gazeava não. Também não dava nem pra gazejar porque sempre tinha um coordenador, um porteiro, alguém te mandando ir pra sala, aí nunca dava pra gazejar.

E: a cobrança era maior?

N: é, a cobrança era maior.

E: e por que você veio estudar aqui nesta escola?

N: porque... meu pai mora aqui perto.. aí ele queria ficar me observando e tal... ficar olhando o que é que to fazendo.. aí ele resolveu me colocar aqui, só que eu não queria estudar aqui, preferia ir pra outra escola.

E: seu pai mesmo né?

N: é. Aí foi ele que falou que ia me botar aqui, mas eu nunca quis, mas aí ele ficou falando: vai, vai, você vai estudar lá, você

vai estudar lá. Aí eu: tá, tá certo. Até que eu aceitei e pronto.

E: você já reprovou alguma vez?

N: não. Nunca reprovei, só fiquei um ano sem estudar.

E: por que você ficou um ano sem estudar.

N: porque foi quando meus pais se separaram e minha mãe não tinha condições de tá pagando escola, aí ela me deixou um ano sem estudar

E: aqui na escola, quais são as disciplinas que você mais gosta?

N: [pausa] é... geografia eu gosto um pouco, português e redação.

E: e você frequenta essas aulas?

N: freqüento.

E: e as disciplinas que você menos gosta?

N: matemática e história.

E: por quê?

N: matemática eu não sei muito bem não e história porque a professora deixa os alunos com sono. É muito complicado de entender porque ela fala muito devagar, aí deixa os alunos com sono.

E: e a matemática, você acha que você não consegue entender por quê? Por causa da forma como a professora ensina?

N: porque é complicado mesmo.

E: você acha que se a professora lhe ensinasse de uma forma diferente seria mais fácil para você aprender?

N: seria, seria mais fácil

E: Quando você está fora da sala de aula, o que é que você faz lá fora que é mais

interessante do que a sala de aula? O que é que tem aqui fora que chama a sua atenção?

N: A gente fica passeando, sai.. e fica comendo... fica conversando com os meninos aí pára... aí fica... tirando foto.

E: mas isso não poderia ser feito na hora do intervalo não?

N: é... também. Mas é porque quando a aula é meio chatinha aí a gente sai.

E: Eu queria que você me falasse um pouco sobre o que você acha que é a escola. Para quê que a escola serve? Qual a função da escola?

N: a escola serve pra... assim... formar adultos mais educados... com um futuro melhor do que aquelas pessoas que não tem oportunidade de estudar.

E: e aqui na escola, como é a sua relação com os alunos e professores, é uma relação boa?

N: com os professores é... é bonzinho. Mas com alguns alunos é meio complicado porque tem alguns que não gostam do meu jeito, alguns até tem raiva de mim... eu acho. As meninas mesmo... as minhas amigas mesmo é mais divertido... é melhor.

E: mas você falou que sua relação com os professores é boazinha. O que é uma relação boazinha? Você acha que os professores se incomodam porque você fica fora da sala de aula?

N: é... os professores ficam no meu pé... ficam dizendo: ah.. você tá gaseando muito, se você não parar vou levar você pra orientadora! A professora de história chegou pra mim e falou que era pra eu parar de gasear de aula???

E: e você já chegou a falar com as orientadoras? Elas já chamaram a sua atenção?

N: não... só no 1º semestre que a orientadora veio me perguntar porque eu tava faltando. Porque logo nos 1ºs dias de aula eu tava faltando porque eu ainda não tinha farda aí ela veio me perguntar porque mas eu nunca fui pra direção.

E: das atividades que o professor faz na sala de aula, teve alguma que chamou mais a sua atenção? Que lhe motivou a querer estudar. A querer assistir aquela aula?

N: só a de matemática, um exercício que eu gosto muito de fazer.. aí eu ficava prestando atenção.

E: o que é que o professor faz na sala de aula que você detesta? Que tipo de aula que ele dá que você não suporta.

N: O professor de redação ele pára, aí começa a fazer o exercício.. aí ele começa a ler alguma coisa... aí de repente ele pára e fica conversando com os alunos, fala coisas que não deve ficar falando, por exemplo: ele fica assistindo vídeos que não pode assistir com os alunos. O professor de português ele pára e de repente fica conversando, falando sobre relações

sexuais com os alunos e isso me incomoda um pouco, quando ele pára de dar aula pra falar coisas que não deve, e ao invés de ter aula normal, é melhor ter aula sobre um assunto que interesse aos alunos. Agora, tá parando aula pra tá falando isso... incomoda um pouco. É por isso que às vezes eu saí da sala.

E: você pode me descrever mais ou menos como acontece uma aula na sua sala? O dia a dia da suas aulas

N: o professores chegam... aí fazem a chamada... aí começam a escrever no quadro... aí começam a explicar o assunto... aí de repente ele param, sentam e aí a galera fica toda conversando, fazendo zuada e tudo.

E: você acha que falta um pouco de autoridade por parte do professor pra controlar a turma?

N: com certeza, falta autoridade. Eles às vezes param e ficam parados só esperando todo mundo parar e enquanto a turma não para eles ficam lá sem fazer nada.

E: e você acha que essa forma como o professor dá aula, copiar no quadro, mandar você escrever. Você acha que isso é interessante, você acha que isso motiva os alunos a estudar? Ou eles deveriam criar uma outra forma de passar esse assunto para vocês?

N: deviam criar uma outra forma, porque às vezes eles estão escrevendo no quadro e fica todo mundo conversando, virado pra

trás... aí ficam falando coisas que não deve, aí ficam parados... aí ficam falando um monte de coisa... aí depois os professores chegam aí ficam falando: ói, pare de zuada. Só que isso não faz com que eles parem, fica todo mundo conversando do mesmo jeito.

E: você teria alguma sugestão para que essas aulas pudessem ser mais motivadoras, pudessem melhorar e fazer com que os alunos freqüentassem mais as aulas?

N: pra mim... assim...tentar passar mais trabalhos porque trabalho é uma coisa que todo mundo gosta de fazer... passar uns filmes explicando algumas coisas, que no ano passado mesmo, quando eu estudava, a maioria das aulas de geografia era tudo assim de filmes da idade antiga. Se fizessem assim umas coisas diferentes seria melhor pra gente poder entender algumas coisas.

E:você acredita que a escola pode melhorar a sua vida?

N: pode. Ela pode melhorar a minha vida. Eu posso fazer muitas coisas no futuro... assim.. posso ser... posso.. no futuro mesmo eu quero ser uma médica... trabalhar pra poder ajudar as pessoas, mas isso tem que vir de mim... eu tenho que parar pra estudar e prestar atenção na aula e... todo mundo fala que pra ser médica tem que estudar bastante... e isso é uma

coisa que eu não faço muito mas, em época de prova eu estudo bastante.

E: e você acha que tá faltando o quê já que você me disse que quer ser médica e tem consciência de que tem que estudar bastante? O que é que falta pra você deixar de gazejar as aulas e realmente se dedicar aos estudos?

N: [pausa] incentivo. Porque quando as pessoas ficam me incentivando a fazer alguma coisa eu me interesso mais em fazer e... e procuro estudar mais e medicina é uma coisa que a gente tem que estudar bastante... tem que parar pra estudar porque se eu quero me formar em medicina eu tenho que parar pra estudar direito senão eu não vou conseguir a minha vaga no futuro.

E: eu queria que você me falasse um pouquinho sobre a sua infância, como era na época em que seus pais moravam juntos, como foi que aconteceu a separação, se isso abalou muito a sua vida?

N: assim... antes de eu nascer mesmo minha mãe tava no 2º grau, ela tava terminando de completar o 2º grau... aí ela teve que parar os estudos porque tinha que trabalhar??? Antes dela casar com meu pai ela namorava um rapaz e ela gostava muito dele, mas aí no dia que eles iam casar ele pediu pra ela... na igreja mesmo...Ele implorou pra ela não casar, mas ela acabou casando porque ela tinha que ter um pai pra mim... aí ela sofreu muito na mão de

meu pai.. meu pai fazia ela... uma vez meu pai deixou ela dormir na porta de casa, ela pediu... implorou pra meu pai me deixar entrar... pra me botar dentro de casa...não me deixar do lado de fora, porque ela tinha medo de acontecer alguma coisa. Ela já passou fome pra poder me dar comida.. minha mãe sofreu bastante.

E: e você era pequena quando isso aconteceu?

N: eu era pequena...eu apanhei quando era bebê... a família de meu pai até hoje não gosta muito de mim... meu pai mesmo... eles se separaram quando minha mãe descobriu a traição do meu pai com a minha madrasta... e minha mãe acabou descobrindo que meu pai tinha um caso... meu pai dava em cima das amigas de minha mãe quando eles não estavam juntos... minha vó mesmo nunca aceitou quando minha mãe casou com meu pai e aí minha vó expulsou minha mãe de casa.

E: quando seus pais se separaram você estava com quantos anos?

N: acho que uns 10 anos mais ou menos.

E: e depois da separação você manteve o convívio com seu pai? Você chegou a freqüentar a casa dele.

N: não. Sempre ficava mais com a minha mãe, porque desde pequena eu nunca fui muito com a cara da mulher de meu pai, nunca gostei dela porque quando eu era pequena ela me trancou 2 dias dentro de um quarto... sem comer e minha mãe só

veio descobrir no outro dia que ligaram pra ela e disseram a ela. Minha mãe bateu nela pra caramba até ela me soltar, ela bateu em meu pai, meu pai bateu em minha mãe... minha mãe deu um soco na cara de meu pai por causa de raiva que ela tinha dele.

E: e a sua relação com seu padrasto é uma relação boa, logo que sua mãe se separou ela já começou a namorar com seu padrasto?

N: não. Antes de minha mãe conhecer meu padrasto ela já tinha uns namorados... mas tem mais ou menos quatro anos que ela conheceu ele e até hoje estão juntos, graças a Deus! Ele sempre tá ali perto de mim, ele nunca deixa faltar nada dentro de casa, ele sempre quis me proteger de tudo, ele é como se fosse um 2º pai, porque o meu pai não fica comigo... ele não se preocupa com as minhas coisas, se eu to bem... se eu to doente. Eu tive um acidente de carro e eu fui pro hospital João Alves quando eu vi meu pai tava chegando lá bêbado... minha mãe pediu, implorou pra ele sair de lá porque ele tava fazendo mal a mim... eu comecei a passar mal quando eu vi ele chegando... ele tentou bater em meu padrasto só que meu padrasto se defendeu pra ele não bater nele... ele acusou meu padrasto dizendo que foi por causa dele que teve o acidente...

Até hoje meu pai diz que o culpado foi o meu padrasto... só que é ele quem cuida de mim, é ele quem me dá as coisas, quando

eu preciso de alguma coisa eu chego pra ele e peço... ele nunca deixou nada faltar pra mim... eu chamo ele de pai desde quando eu era pequena, mas meu pai nem sabe disso. Eu chamo a mãe dele de vó, a família dele todinha... todo mundo me trata muito bem, graças a Deus!.

E: você acha que tudo isso que aconteceu na sua família, de alguma forma influencia no seu comportamento na escola?

N: eu nem sei porque de repente foi que eu comecei a não assistir aula, eu nunca gostei de perder aula...eu não sei se foi por influência... deve ser. Acho que deve ser por causa das aulas mesmo porque às vezes sou eu mesma quem chamo as meninas pra sair... a maioria das vezes sou eu, algumas vezes é Rebeka aí ela diz: ah.. eu não quero assistir não, vamos! Aí eu vou pra não deixar a coitadinha sozinha! [risos].

